

C.: É que foi doado, foi feito doação, né? Nós fizemos doação para, pra abrigos, né? De todo o material e os armários continuaram, que quando o quarto andar, é todo de armário e os armários continuam, né? Não tinha guarda roupa, né? Mas as camas foram doadas para abrigos, nós fizemos doação para os abrigos, não teve motivo de doação, né? Assim também como o piano, que eu acho que não devia ter sido doado, o piano da Escola de Enfermagem.

E.: (inaudível) e o, o material por exemplo de copa, cozinha (inaudível)

C.: Foi tudo doado, foi tudo doado para o pessoal de, de abrigo, né? Foram doado tudo para abrigo, todo o material, né? Foi doado tudo para o abrigo, roupa de cama, toalha, tudo foi doado.

V.: E os funcionários?

C.: Os funcionários eles permaneceram na Escola mas aí assim em limpeza, né? Eles passaram, aí melhorou, coitados já não tinham mais aquele negócio de roupa, né? (Risos) Aí eles passaram à limpeza, não é? É, é tinha uns que faziam o serviço de rua o seu Geraldo fazia o serviço de rua, né? Que naquela época o Geraldo, ele era assim ó, o braço pesado para as mulheres para carregar roupa pesada parra estender, né? Então, ele acompanhava. Eu não conhecia o Sr. Geraldo [Lúcio de Lima] não você, já que era mais, você conheceu, né? É você conheceu.

E.: Ele era alcoólatra?

C.: Não.

E.: ... toda vida, não? (Inaudível)

C.: Não, não quem era alcoólatra era o..., é tanta gente que a gente esquece o, né? Tinha um alcoólatra sim, mas não era ele não, seu Geraldo inclusive ele morreu tem uns 4 anos que ele morreu com um câncer de próstata, né? Nós fomos lá na casa dele, na morte dele. Então, eles ficaram como pessoal da limpeza, fazendo parte da limpeza, aí não foi preciso contratar servente, sempre tinha no nosso quadro, servente. Então eles ficaram como serventes, faziam cafezinho para os professores, né? O lanche permaneceu, café, outras coisas, né? (Limpando a garganta)

E.: Só voltando um pouquinho, tinha o pessoal mais de, de apoio, de limpeza, cozinha essas coisas, mas o funcionário, por exemplo da folha administrativa, vocês cortaram ou vocês, quem faziam tudo nesse período?

C.: Aí a gente é que fazia, né ô Estelina? Nós tínhamos uma secretária...

E.: Até a reforma?

C.: Até a reforma nós tínhamos dona Altamira [Procópio Ferreira], a dona Lígia, né? A dona Daura, ela fazia mais trabalho administrativo do que realmente de ensino, né? A Daura, depois ela voltou para a biblioteca, com a reforma criou-se a biblioteca e ela foi para a biblioteca, não é? E, e a partir daí e, no departamento nós não tínhamos ninguém pra ficar. Aí, inclusive, a Teresa [Balbina da Paz Massensini] era servente, né? E foi promovida? Foi promovida, a Teresa; e tinha uma outra que foi promovida também para o DEB não sei quem foi, você lembra? Não foi a Edelvira [do Carmo Toni Messer]. A Edelvira, não é? O pessoal que era servente foi promovido exatamente para ser secretária no departamento, sabe?

E.: Quando não existia biblioteca, como é que vocês faziam antes da reforma com a, com a questão de livros?

C.: A gente tinha uma biblioteca que não era organizada não, era livros acumulados, a gente tinha um local onde ficava os livros e a gente fazia é, pesquisa, né? Na maioria das vezes, o professor tinha seu próprio material, ele comprava, ele tinha que ter aqueles livros necessário...

E.: E para os alunos como é que era, para o aluno?

C.: O aluno às vezes, é que inclusive não tinha xerox naquela época, os professores emprestavam, sabe?

V.: Ah, sei.

C.: ...havia um sistema de empréstimo professor/aluno e que não dava (inaudível) ou então usava aí, a, nessa época a gente usava a biblioteca, sabe? Depois é que criou uma biblioteca aqui, né? Tinha que ter uma biblioteca aí é que no, o pessoal não passou mais a usar lá, né?

E.: Como é que chamava aquela biblioteca que era da Escola, que eu não sei se você tem o nome dela e a ...Tita? Não a (inaudível) da biblioteca você lembra o nome dela?

C.: Ela é antiga ? Itália?

E.: Não antes da Itália.

C.: Não, a Itália era funcionária administrativa.

E.: Era funcionária, não era a bibliotecária?

C.: Eu sei, espera aí que eu te falo, ela foi embora quer ver?

E.: ... uma alta. Ela era a, é, é anterior a 68?

C.: Não.

E.: Não, ela veio pra 68?

C.: Veio pra 68. Eu não me lembro o nome dela agora não, é capaz da Piedade [Maria, Ribeiro Leite, chefe da Biblioteca Baeta Viana, do Campus Saúde] lembrar do nome dela, que inclusive ela veio daí ó pra cá, ela foi cedida da biblioteca pra cá.. Como é que a gente esquece o nome das pessoas, né? Esqueci! (Risos) Tanta coisa.

V.: A biblioteca ficou aqui durante um, um certo tempo, né? E depois?

C.: Ó, ela ficou onde era..., onde está hoje...(inaudível) o almoxarifado? Não aqui encima, ela funcionava aqui encima aqui onde é... o que está funcionando lá agora?

V.: Que andar?

C.: ... é o, é o CTE, o CTE como é que é, CTE? Centro de Tecnologia Educacional

V.: Ah, sim...

E.: No terceiro andar (inaudível)

C.: Nas últimas salas lá, nas salas dos computadores, sala de computação [sobreposição de vozes], nas últimas salas lá, onde tem os computadores, ali é que ficava a biblioteca.

V.: No primeiro momento?

C.: No primeiro momento nós criamos a biblioteca ali, a sala de técnica, não é? Do lado, não é? E a gente ainda manteve a copa para servir café para os professores e alunos, onde é hoje o CTE, não é isso? Que funcionou.

V.: Hum, hum, que foi a cantina durante a (inaudível)?

C.: Exat, exato e aí quando se, foi aumentando o número de, de volumes na biblioteca nós tínhamos que descer lá embaixo onde está hoje o almoxarifado, aí é que passamos pra lá, né? E depois ela passou a receber o nome de Maria do Rosário Barros quando ela faleceu, né? Depois que ela faleceu. Ah. foi em 80 que ela morreu? Foi 80 se eu não me engano, ou 79 ou 80 que a Maria do Rosário morreu não sei se foi setembro ou outubro de 80, de 79. Foi, foi outubro de 79 que a Maria do Rosário morreu. Aí nós fizemos uma, né? Nessa época a Silvana inclusive trabalhava com a Maria do Rosário,

ela trabalhou na pediatria, e ela é que fez inclusive esse movimento da biblioteca receber o nome da Maria do Rosário, sabe?

V.: Depois que..., primeiro foi a retirada do, da biblioteca daqui...

C.: Essa foi mais recente, não foi mais recente? A retirada da biblioteca daqui já foi mais recente, foi agora pra 80 e pouco, foi recente. Na sua época ainda era aqui a biblioteca?... na minha também...(inaudível), você se formou quando?

V.: 76, ainda era lá embaixo.

C.: 76...

E.: Essa ida e vinda de biblioteca que eu também não me lembro muito (risos) bem dessa história, confusão, já, já eu acho que eu já era professora aqui.

C.: É você já era professora aqui pelo menos da ida do material pra lá porque eles tentaram centralizar, o Campus da saúde deveria ter uma biblioteca, é sabe? Foi daí que começou o processo; para quê duas bibliotecas numa área que poderia..., tanto que nessa época tinha biblioteca aí, tinha biblioteca aqui, tinha biblioteca no Hospital das Clínicas, parece que agora eles fundiram tudo, né? Estão tudo mais ou menos na biblioteca central, mas o movimento foi esse, de ter uma biblioteca só no Campus da saúde, né?

V.: Você estava falando do piano como que esse piano era utilizado, quem usava?

C.: Era..., quem sempre tocava muito era a Norma Lúcia de Matos], Norma. A Norma tocava, a Laura e Alaíde.

V.: Enquanto aluna?

C.: Alaíde também.

V.: Enquanto docente?

C.: Enquanto docente, tanto a Norma quanto Alaíde, a Alaíde também toca piano, sabe? E, e muitas vezes, a gente fazia festa e vinha alguém tocar piano, alguém que sabia tocar o hino nacional, né? Então tocava no piano, sabe? E, e foi doado não sei pra, não sei se foi para a Escola de Música, eu acho que ele foi doado para a Escola de Música, né? E todo o nosso material audiovisual foi doado para o setor de audiovisual de lá da Pampulha. Tanto que o, se a gente precisasse de um retroprojetor tinha que solicitar lá na Pampulha para vir pra cá, para gente dar aula, você acredita? Que horror! Mas é, e lá tentavam centralizar.

V.: Centralizar isso tudo, né?

C.: ... e depois eles vira que não tinha condição, foi quando começou a descentralizar, sabe? No começo não foi fácil a gente ter uma..., uma..., definir as coisas da Escola de Enfermagem, porque a gente não tinha inclusive uma base, uma norma de como fazer, nós viajamos inclusive para descobrir assim know how, para receber know how em São Paulo, no Rio de Janeiro, mas a gente via que não era coisa que se adaptaria aqui, sabe? Como, aí nós tentamos criar o nosso próprio mecanismo, tendo o funcionamento das unidades aqui mesmo, né? Dentro da universidade e nós tivemos assim colaboração muito grande do pessoal da filosofia, sabe? A Faculdade de Filosofia nos ajudou muito nesse processo de desanexação da Escola de Enfermagem, sabe? Que nós tínhamos professor lá dentro que tinha uma ligação assim muito grande com a dona Izaltina, sabe? Que ela tinha feito filosofia (tosse) então, ela era muito bem conhecida, sabe? pela Faculdade de Filosofia então eles ajudaram, parece que eles queriam fazer alguma coisa pela Escola de Enfermagem, sabe? Nós tínhamos um professor sociologia eu não sei se você chegou a pegar o Weber, né? o Weber, ele nos ajudou muito, ele era antropólogo, ele é desse tipo de pessoa assim que gostava de movimento, né? Naquela época antropólogo e sociólogo gostavam muito de movimento, não é? Então, eles fizeram assim, deram uma colaboração muito grande pra nós na Escola de Enfermagem (inaudível)

V.: E aí continuando nesse tempo, você, enquanto professora na Escola de Enfermagem...

C.: É, é eu sempre, apesar de eu ser a vice-diretora, eu era professora, né? Dava aula e em 1975 acabou o quarto ano de saúde pública, né? 75, né Estelina?

V.: ...é, com a reforma [curricular] de 72 e conseqüentemente, né? 75 era [sobreposição de vozes]

C.: ...é 75 nós encerramos, é nós encerramos o quarto ano de saúde pública e passamos a ter uma..., uma alternativa, não era o quarto ano de saúde mas que, tinha que ter uns seis meses, né? Não sei como é que foi a reforma aí do currículo, que o aluno tinha que fazer uma opção é foi nesse mesmo 4º ano, quando estava no 4º ano de saúde pública nós já tínhamos assim, aluno que gostava de dar (inaudível) ele ia, outras gostavam da obstetrícia, outros gostavam da própria saúde pública, o que a gente fazia,

deixava o aluno fazer atividade livre, no campo que ele quisesse, aí ele tinha que apenas fazer um relatório e apresentar um trabalho, sabe? Tanto que nesta época nós tivemos na, na área de psiquiatria a Alcinéa [Eustáquia Costa] não é? Aí surgiu Alcinéa na psiquiatria; depois nós tivemos também, na, na saúde pública, na pediatria nós tivemos também a Silvana, na saúde pública nós tivemos a..., a Marília, a Luzia que já estavam, né? E na enfermagem médica nós tivemos a Rizoneide, [Negreiros de Araújo] né? Então cada uma fazia a atividade que queria, para poder crescer, né? E não tinha assim, aquela obrigatoriedade de horário não, o aluno fazia a atividade, nós tínhamos que fazer, dar espaço, era fazer, dar espaço não importava aonde, onde ela conseguisse fazer o espaço, sabe?

V.: Foi início de uma..., como se fosse uma atividade extra muros, mas não extra curricular.

C.: Não, é exatamente para poder o aluno adquirir mais prática.

V.: Isso durou pouco tempo.

C.: Foi pouco tempo, um, a dois anos só, sabe? dois anos e a Dôra também foi uma que entrou nesse campo teve a (inaudível) teve uma outra da psiquiatria, Silvéria [Ferreira Goulart], deixe me ver, não veio mais ninguém na minha cabeça, Alcinéa e Silvéria as duas fizeram psiquiatria e foram para o [Hospital] André Luís, né? Aquela que fizeram opção pela obstetrícia foram para a Santa Casa, não é? e as que fizeram opção pela pediatria iam para o Hospital das Clínicas; e aí elas faziam suas atividades. Assim foi uma experiência muito interessante, né? diferente.

V.: Como se fosse uma integração docente assistencial, ou ... exatamente integração docente assistencial, é né? um começo de... integração [sobreposição de vozes] docente assistencial exatamente..., e como é que isso terminou, foi suspenso?

C.: Porque acabou o 4º ano de saúde pública aí nós acabamos com essa atividade (inaudível)

V.: (inaudível) enquanto tinha o 4º ano (inaudível)

C.: Depois acabou.

V.: ... e isso terminou foi com a Portaria 04/72... exatamente...[que definiu o currículo mínimo para o curso de enfermagem]

C.: ... exatamente, aí acabou.

E.: Porque aí vieram as habilitações, né?

C.: É, aí vieram as habilitações, é o 4º ano, é habilitações em saúde pública, habilitações em obstetrícia...

E.: ... e médico-cirúrgica...

C.: ... e médico-cirúrgica, a primeira que abriu foi saúde pública, não foi? Depois veio a, a médico-cirúrgica...

V.: Sim, um semestre depois.

C.: ...depois, não é? e, e...

E.: Tínhamos obstetrícia também?

C.: Não, não obstetrícia não chegou a funcionar não, né? na nossa Escola [sobreposição de vozes] quando tentaram fazer isso aí o negócio não foi pra frente, ninguém quis assumir, né?

V.: É, pois é, se a obstetrícia sempre teve um papel predominante, né?...Isso... de avanço, inclusive na habilitação... elas não fizeram, como é que foi isso?

C.: (inaudível) a Aparecida Freire, ela (inaudível) que ela achava que ela estava trabalhando muito sozinha, que naquele tempo era ela, a Noemi..., quem era mais da obstetrícia?

E.: Nazaré [Maria, de Andrade Figueira].

C.: Nazaré, é, as três então, ela achava assim que era muito difícil três pessoas sustentarem a habilitação em enfermagem obstétrica, que no nosso campo cá, já tinha mais gente, né? Aí tinha..., tinha a Luzia, tinha a Roseni, [Rosângela Chompré tinha a Dôra, não é? Um grupo maior, daí o porquê da estabilidade da habilitação em saúde pública, que realmente aquela que manifestou e depois a, a, o pessoal da..., inclusive na área de pesquisa foi o grupo seus, de médico-cirúrgica que avançou, né? E depois acabaram as nossas habilitações, com a nova reforma, teve a nova reforma, né? que acabou com as habilitações?

V.: Não, é não [sobreposição de vozes] aquele quadro durou até bem pouco tempo, né? ...É, é...como é que você viu, você se lembra de como foi esse movimento de terminar com as habilitações?

C.: Oh, a habilitação para passar para especialização não foi isso? Eu não estou me lembrando como foi essa, espera aí que eu vou me lembrar como é que foi...

V.: A discussão era que a habilitação era como se fosse uma especialização e não era, aprofundava o conhecimento..., não dava titulação...

C.: ... isso aí, o problema maior foi esse, tanto para o aprofundamento e não dava titulação, é como se fosse uma extensão do curso de graduação...Isso...e aí você passava um ano fazendo habilitação, recebia o título e não era gratificante para o aluno isso, né?

V.: E quanto à experiência na especialização você foi professora do, da especialização?

C.: Fui, fui professora da especialização.

V.: Como é que você vê a habilitação, tirando essas questões [sobreposição de vozes] a experiência enquanto processo de ensino/aprendizagem?

C.: Eu acho que as habilitações, tanto na Enfermagem em Saúde Pública quanto na Médico-Cirúrgica, vocês é quem podem falar, eu acho que capacitava melhor a pessoa para trabalhar, sabe? é, desempenhar um melhor papel numa área (inaudível). Só que eu acho que essa habilitação, ela foi substituída pela especialização, houve um acréscimo maior na habili..., não sei se vocês percebem assim. A especialização ela apenas veio é, é oficializar a habilitação que existia e que não dava título e hoje a especialização dá um título, quer dizer existe outras coisas, que hoje a especialização ela está muito mais rica que no passado, que a habilitação, mas de qualquer forma eu acho que foi uma, uma forma de, de... A especialização é uma continuação da habilitação, mais rica, com mais conteúdo, com mais experiência, sabe?

V.: Por outro lado aquela experiência do aluno e do docente trabalharem no interior acabou com a especialização...exatamente acabou...quer dizer a especialização não deu continuidade a isso?

C.: Não, inclusive acho que foi uma experiência muito rica eu me lembro que o pessoal, vocês da, vocês iam pra aquela cidade como é que chama?

V.: Ah, habilitação em Médico-Cirúrgica ia pra Montes Claros, Patos de Minas...

C.: Tinha uma outra cidade...



V.: Lagoa da Prata.

C.: Lagoa da Prata, eu acompanhei muito aluno lá, quem que é o meu pessoal da Saúde Pública eu acho que foi uma experiência rica, sabe Valda? Sabe, o pessoal da habilitação, apesar de não dar um título reconhecido, para o aluno a vivência acho que era assim, riquíssima, não é? Você sair vivendo no interior, adquirindo experiências, eu acho que era muito boa, sabe? aquela experiência, e infelizmente hoje nem a graduação, nem a especialização dá esse conteúdo para o aluno, é lamentável, não é? mas... Eu me lembro quando eu me deslocava daqui para Padre Paraíso, para acompanhar os alunos da habilitação, aquilo era uma coisa riquíssima, aí lá a gente via os alunos da enfermagem, os alunos da medicina todo mundo trabalhando junto, né? e a gente via que era uma forma de a, aproximar a enfermagem da medicina, porque eles inclusive, eles eram orientados pelos próprios alunos da Escola de Enfermagem. Foi a partir daí que eles começaram a valorizar a enfermagem, e os alunos começaram a conviver mais de perto com os alunos de enfermagem valorizando, né? O que não tinha anteriormente, infelizmente, né?

V.: Interiorizaram a Escola também, né? como..., como instituição... exato... a enfermagem como instituição, inclusive, na comunidade como um todo.

E.: Deixando um pouco a sua experiência enquanto professora e pegando um pouco a sua experiência enquanto qualificação, como é que foi isso, qual a sua decisão de fazer mestrado, fazer doutorado, como é que foi essa sua experiência, aí?

C.: É interessante viu, quando eu saí para a especialização, eu, exatamente, pra poder ter melhor conteúdo pessoal em saúde pública, né? mas quando nós começamos a organizar o curso de especialização, era exigência que tivesse uma pessoa com mestrado pra poder se responsabilizar, né? E foi feito uma pesquisa na Escola de quem queria sair para fazer mestrado, e ninguém se habilitou para sair para fazer. Aí, bom, então eu vou, né? [sobreposição de vozes]eu vou. Aí eu fui fazer, 73 porque eu saí pra fazer... por isso que eu estou meia com dificuldade dessa transição 73, porque eu saí exatamente nesta época para fazer o mestrado [sobreposição de vozes]. 73 eu saí para fazer o mestrado eu fiquei 73 e 74 fora, eu voltei em 75, não é? Fica difícil eu ver essa transição que eu fiquei fora...

E.: ... por isso que eu nunca fui sua aluna!

C.: Ah, é, é você nunca foi minha aluna é, é exatamente Estelina, então 73 e 74 eu estava fora, né? não deu para acompanhar. Aí eu fui fazer o mestrado é, tem que implantar a especialização na Escola de Enfermagem, aí eu fui fazer mestrado, sabe? Fiz, voltei e, e quando foi..., precisou de fazer..., tinha que implantar o mestrado na Escola de Enfermagem que nós fizemos um, um projeto eu não sei se você se lembra Estelina. Nós fizemos um projeto aí de trabalho, eu não me lembro o nome do projeto, acho que eu tenho até uma cópia lá em casa que eu vou trazer pra você, especificando, estruturado e, e (inaudível) de, de a minoria era do pessoal de enfermagem fazendo especialização; especialização seria o, o vínculo com o mestrado, o mestrado com o doutorado. Eu tenho, eu estou até com esse projeto lá, sabe? Outro dia eu estava mexendo lá e eu vi.

E.: Só pra me lembrar um pouco, que você tinha aí, pegando um gancho na história da especialização da Escola, porque você disse inicialmente que lá... nos anos anteriores houve uma especialização, que não tem nem registro. ...Isso... A, a outra iniciativa de registro de especialização foi essa, ou nesse meio tempo teve alguma outra especialização, entre aquela primeira, da obstetrícia e essa aí, esse projeto?

C.: Não, não, não teve...

E.: Não teve?

C.: ...não, não teve nenhuma especialização, o objetivo agora era especializar; tinha tido experiência com a obstetrícia que não foi registrada, que precisava de ser registrada, né? Só que eu voltei do mestrado, ao invés de eu entrar para um campo da especialização, me jogaram carga administrativa (inaudível) e eu comecei a assumir, aí veio colegiado, né? É veio departamento, um novo departamento, e aí eu tinha que participar, eu era da congregação, eu era da câmara departamental, eu era de grupos, eu era coordenadora de disciplina. Então, com isso a gente fica envolvida muito com a parte administrativa e esquece inclusive de, da expansão de criar, de fazer material, eu não tive essa experiência, né? Como eu fui a primeira a chegar com o mestrado na Escola de Enfermagem então, me jogaram só carga administrativa, né? E foi muito difícil, sabe? Eu tinha que, que assumir, aquilo pra mim não era questão de vaidade não, a Escola não pode ficar pra trás... obrigatório..., é obrigatório, a Escola tem que

estar pra frente, né? Aí a, mesmo quando nós começamos elaborar o projeto, então tinha esse bloco, especialização, mestrado, doutorado, então precisa de alguém pra poder assumir o dout, o mestrado, tinha que ter título de doutor, aí eu saí pra fazer o curso de doutorado (inaudível)

V.: Nós vamos voltar só um pouquinho, no seu mestrado, com que você trabalhou, conteúdo?

C.: É, é como eu estava na área de saúde pública, eu trabalhei com tudo aquilo que estava ligado ao atendimento da população em unidade de saúde. Então, o meu objetivo era criar alguma coisa que pudesse levar àquele que [freqüentavam] unidade de saúde uma melhoria de assistência, tanto que eu fui para o Oreste Diniz, nessa época existia unidade ali, né? e tentei fazer um trabalho com as enfermeiras lá, no sentido de estruturar a enfermagem dentro da unidade de saúde, sabe? Então o novo modelo de trabalho foi no Oreste Diniz. A minha experiência, a minha tese foi exatamente a enfermagem estruturada dentro da unidade Oreste Diniz, tá?

V.: O conteúdo teórico, os créditos iniciais, você fez em São Paulo?

C.: Os créditos em São Paulo.

V.: Como é que você viu São Paulo, enquanto mestranda, em relação àquela época enquanto especialização, aquela rigidez, aquela...

C.: A mesma coisa, não mudou, e eu acredito que São Paulo, não sei porque que tem muito tempo que eu não vou a São Paulo, não mudou, a mesma coisa, sabe? Inclusive a gente não podia vestir calça comprida, sabe? não podia colocar tênis naquela época, na faculdade pública em São Paulo...

E.: ... na época do mestrado?

C.: Na época do mestrado, não podia colocar calça jeans, pro aluno que está fazendo mestrado, não. O aluno tinha que ir muito bem... Enfermagem em São Paulo é assim muito exigente, né? Tinha que está muito bem apresentada, né? E aí que era o meu maior problema e que é até hoje o meu problema, não tem que me apresentar que eu não gosto. Eu gosto de ser muito mais simples do que andar rebuscada, que tem muita gente...[que gosta] eu não gosto, eu gosto de andar muito mais simples. Muitas vezes eu deixo de ir nos lugares exatamente por isso, que eu não gosto, eu quero estar simples e quero continuar simples, não sei se tem alguma carga de orgulho, ou tem

alguma coisa, eu não sei, uma hora eu quero sentar e fazer uma análise, né? (risos) o porquê disso. Então, é eu senti muita dif, muito complicado inclusive o mesmo relacionamento era difícil, sabe? A, a pessoa que eu mais me aproximei em São Paulo, que eu convivi de perto com ela foi a Circe de Melo Ribeiro.

V.: Apesar de toda a aparência dela?

C.: Isso, eu ia na casa dela, sabe? fazia um trabalho mais ou menos, muito bom com a Circe, lá em São Paulo, porque a Circe, ela não é aceita muito (inaudível) na Universidade de São Paulo, ela era uma das rebeldes. Você sabe que quando a gente está num lugar, a gente tem que se sujeitar, que (inaudível). Aí eu ia lá pra casa dela a gente conversava muito, sabe? Então, a Circe foi minha amiga, sabe? Lá em São Paulo, a única.

V.: Você acha que essa dificuldade sua em relação à aparência contribuiu pra sua dificuldade no acesso ou isso era geral com todos os alunos, porque era (inaudível)

C.: Não, era geralmente com todos os alunos, sabe? Era em geral com todos os alunos porque é, essa mesma dificuldade eu tinha aqui em relação ao Conselho Universitário, né? que o Conselho Universitário, eu como vice-diretora, tinha assento no Conselho Universitário (limpando a garganta) naquela época era o diretor e o vice-diretor.

V.: Aqui em Belo Horizonte?

C.: Aqui em Belo Horizonte, não tinha representante docente, aqui não tinha esse... porque olha só diretor e vice-diretor, então eu tinha assento na Congregação, na, no Conselho Universitário, né? e também participava das reuniões quando eu terminei o mestrado, das reuniões da pós-graduação, inclusive eu cheguei a ser representante da área da saúde.

personagem. [sobreposição de vozes]

E... dos outros profissionais. **[FINAL FITA 3 LADO B]**

C... dos outros profissionais eram mais sempre que... [inaudível]

**FITA 4 LADO A** queria alguma coisa...

enfermagem precisa através de... [inaudível]

Valda.: Continuação da 2ª entrevista com Carmelita Pinto Rabelo em 12 de abril de 96.

Terceira fita. sempre se apresenta com... [inaudível]

apresentação era tudo e não é, eu acho que não é isso...

Carmelita.: Sabe? Ah, então lá não tinha dificuldade, eu era muito bem aceita tanto na universidade, como agiu mesmo na Escola, né? Eu não tive problema assim não de nenhuma aceitação não, sabe? Mas é, eu sempre gostei de andar simples eu tenho, eu é que tenho que fazer uma análise do porquê e nunca houve dificuldade de aceitação por causa disso em relação (inaudível)...

V.: ... no meio universitário não teve?

C.: Não, sabe? Não teve.

V.: Não tem?

C.: Não tive e não tenho, porque eu chego, entro em qualquer lugar aí, né? Não tenho problema.

E.: Ficou faltando a, o mestrado, a época do mestrado.

C.: Em São Paulo (inaudível) É aí eu fiz os meus créditos lá, inclusive não tive dificuldades, sabe? Não foi, que normalmente as pessoas sentem dificuldades, eu não tive que eu já tinha feito enfermagem em saúde pública lá com um grupo e, e penetrei com muita facilidade no cumprimento dos meus créditos tanto do mestrado quanto do doutorado, sabe?

E.: Você fez o mestrado na Faculdade de Saúde Pública?

C.: Saúde pública.

E.: E essa dificuldade de, de, de entrosamento era tanto na Faculdade de Saúde Pública ou também na escola de enfermagem...

C.: Nas duas... essa diferença? Nas duas... nas duas. Todas duas, sabe? as enfermeiras lá na Saúde Pública eram só três, sabe? Lá, a faculdade só tinha três enfermeiras e todas três, elas tinham mais ou menos o mesmo nível assim da, da, da, sabe aquele pessoal que... [sobreposição de vozes]

E.: ... e os outros profissionais da faculdade?

C.: Não, os outros profissionais eram mais simples [sobreposição de vozes] eu não sei se a enfermagem queria alguma afirmação, que eu acho que não é isso que a enfermagem precisa através da, da apresentação de ser afirmado, tem que ser através de outra, de uma outra forma, não é? Então as enfermeiras lá da Faculdade de Saúde Pública elas sempre se apresentavam assim é no sentido de conquistar, achava que a apresentação era tudo e não é, eu acho que não é isso.

V.: Mas isso, no geral, tanto no Rio como você já falou e a gente tinha disso também, como no Ana Neri como em São Paulo e não é aqui na nossa Escola.

C.: E não é exatamente!

V.: A que você atribui essa diferença histórica - porque não é de hoje, de sempre de nós, aqui em Belo Horizonte - termos essa, essa, comunicação mais fácil com o aluno, esse relacionamento diferente no Rio e São Paulo.

C.: Eu sabe que ô...

E.: ...e até no, no vestir... no vestir...

V.: ... no vestir inclusive.

C.: ... eu acho é que a gente já conquistou uma segurança, sabe ô? Em vista do que a gente viu lá fora e agente sente que a, a, nós, a gente mesmo tinha reações contrárias àquilo que existia lá fora, a partir do momento que a gente encontrou essa barreira lá fora a gente não gostaria que acontecesse aqui, sabe? Eu acredito que seja isso é, na minha opinião é que as pessoas começavam a ver essa problemática lá fora tentaram não deixar que isso penetrasse aqui dentro de Belo Horizonte, sabe? Então, eu acho que todas as pessoas, que o professor não tem esse..., o aluno chega, entra, conversa, lá e lá não, até hoje acho que ainda é assim, não sei, não sei, não é? que tem muito tempo que eu não vou lá. Eu tenho que marcar audiência, se eu não marca audiência, você não conseguiu conversar, eu acho que isso inclusive facilita o entrosamento, facilita, uma forma de perceber como o aluno está se comportando com o trabalho que você está fazendo, sabe? e fica mais fácil do aluno chegar pra você diretamente e colocar o que ele está percebendo, né?

E.: Só pra mim entender um pouco... Na época das freiras essa entrada aqui na Escola, essa entrada e saída de aluno por exemplo, de um professor pra conversar com a direção da Escola, ela era tão fácil quanto...

C.: Não, tinha que marcar também...tinha que marcar também..., na época da freiras era, aí...

E.: Então eu te faço uma pergunta, de uma dedução que eu estou tendo: será que tem a ver posteriormente, essa saída das freiras por exemplo, a sua entrada no lugar das freiras, uma pessoa que se admite mais [simples] no vestir e no tratar as pessoas, será que tem a ver [sobreposição de vozes]

C.: Pode ser [sobreposição de vozes] (risos). Pode ser uma hipótese, né? é uma coisa que precisa ser analisada, que normalmente, a partir da saída das freiras, se você for observar todas as professora elas vestiam é...humildemente assim ò a Iole, você já observou, todo mundo com simplicidade e todo mundo se, se, eram aceitas do jeito que elas eram, né? Elas nunca foram rejeitadas, né? pode ser que tem passado aí que precisa descobrir, né? (risos) Acho que uma pesquisa que tem ser feita (risos) uma boa pesquisa a ser feita, é.

E.: Porque, possivelmente, se for pensar nessas diretoras, talvez a que, que se vestisse assim, vamos dizer mais [inconvenientemente], eu não sei se é esse o termo correto, se fosse a dona Izaltina...Isso... que a dona Izaltina sempre, aliás, posteriormente também a Noemi, Noemi andava muito...

C.: É Noemi, depois a Rizoneide também começou [sobreposição de vozes]

E.: No período de transição teve, por exemplo, logo você que [sobreposição de vozes] e a dona Izaltina, por exemplo, como é que era a sua aceitação, de gente pra conversar com você, na sua época de direção, só pra gente começar a entender essa...

C.: Batia na porta eu recebia, viu Estelina?

E.: O que não acontecia anterior!

C.: O que não acontecia anteriormente ó, a, o funcionário, a aluna, ou professor batia na porta não tinha, não tinha agenda, na minha época não existia agenda, sabe? O, A pessoa batia na porta ela era recebida imediatamente, né?

V.: E na agenda da dona Izaltina car...[sobreposição de vozes]

C.: Acontecia a mesma coisa, sabe? Aconteceu a mesma coisa, eu acredito que a Noemi também deve ter sido a mesma coisa; a Rizoneide acho que não teve problema e continua até hoje, né?

V.: É verdade.

C.: ...esse esquema continua, é interessante que continua.

V.: Bom, você estava falando do doutorado, fala pra gente sobre o quê, o que você trabalhou no doutorado.

C.: Olha no doutorado eu trabalhei.

E.: O quê, uma pergunta até antes do quê, porque o mestrado você já disse que a necessidade, depois a gente volta até a história do projeto porque ele não foi pra, pra

frente...é ,é mas isso que te levou posteriormente ao doutorado?

C.: É com o trabalho, é com o trabalho que eu comecei a fazer na comunidade, nós trabalhávamos na comunidade do [bairro] Pompéia e, inclusive com visita domiciliar, e a gente, eu sentia assim muitas vezes uma barreira muito grande do trabalho da comunidade com determinadas práticas que a comunidade tinha, não é? em relação por exemplo a religiões, em relação a ... aquelas pessoas das comunidade que são líderes, né? Em termos de práticas de saúde. Então, automaticamente a unidade, ela dificultava, é combatia, se por acaso chegasse uma pessoa na unidade de saúde e falasse com a enfermeira que não foi ao posto, que antes ela tinha ido num benzedor ou num centro espírita ou numa igreja evangélica pra poder fazer um tratamento de saúde, automaticamente a enfermeira rechaçava aquilo, né? Quer dizer ela esquecia que a comunidade, ela tem determinados hábitos culturais que a gente tem que respeitar. Aí então, eu falei: que eu tenho que fazer um trabalho nessa direção. Ai eu fiz a minha tese de doutorado totalmente baseado nisso, né? As práticas tradicionais de saúde, né? inclusive tentando ver como que elas poderiam ser incorporadas pelo serviço de saúde, né?

E.: Quer dizer que para sair pra fazer o doutorado você foi movida pela temática?

C.: Pela temática.(inaudível) Não , não, aí eu fui exatamente [sobreposição de vozes] movida por isso aí, né? Quer dizer eu tinha uma prática e eu queria fazer um trabalho em cima dessa prática e fiz a tese, né? Não sei se...ela está por aí, não sei por onde anda, ela está por aí.(risos)

E.: A gente deixa de ser dono!

C.: É, inclusive [sobreposição de vozes] o professor e meu orientador era realmente uma enfermeira, mas quem me acompanhou de perto foi o professor Evaristo [Manoel Pereira], sabe? o professor Evaristo é que me deu assim toda orientação pra minha tese, o professor Evaristo inclusive ele era ateu, sabe? (inaudível) ele falou assim: “Ó, já fui católico, já fui protestante, já fui espírita, hoje eu não sou nada, não é? não acredito em nada”. E eu fazia as minhas pesquisas e eu ia pra lá inclusive pra discutir com ele, levar dados, né? e quando eu colocava determinados dados pra ele, ele falava pra mim assim: “Ó, não coloca isso também não que eu não acredito.” Eu, eu via fatos acontecerem. Eu visitei centro espírita, igreja católica, protestante, é casas de



macumba, né? Nesses lugares todos eu fui e chegava lá eu via gente. O pessoal recuperado lá em plena sessão espírita, eu presenciei, né? Ele falava assim: “Eu não acredito nisso não, não coloca isso não (inaudível) você não coloca isso”. Eu falava assim: “Eu vou ter que colocar porque afinal de contas é uma experiência, é uma observação que eu fiz, não é?” Tanto, que no dia que eu fui defender a tese, que eu coloquei, ele - mas eu já estava lá na frente - ele balançou a cabeça pra mim, sabe? que ele estava lá presente, mas já foi assim uma, uma temática que eu levei, vou trabalhar com isso e eu acho que eu deveria ter continuado, sabe? eu não deveria ter parado, eu cheguei aqui o que aconteceu? Atividade administrativa, atividade administrativa; e aí o negócio acumulou, acumulou; e eu é, eu vou aposentar porque senão daqui a pouco, só vou continuar e não vou ter oportunidade de criar, porque depois veio, veio o colegiado de pós graduação, né? que eu assumi é, aí da disciplina você passa ao administrativo; disciplina, acompanhar aluno no estágio, aí fica uma coisa muito complicada; e aí veio, surgiu, a, a especialização. Ela começou a complicar demais, eu nunca vi uma especialização tão complicada quanto a especialização em saúde pública; a nossa começou, eu acho que não é nem uma especialização acho que ali era uma pós graduação mais (inaudível) ser o mestrado, que o pessoal começou a colocar coisa mais complicada, apesar de ser uma prática de saúde e na versão primária, mas ficou assim muito complicado, sabe? E o grupo não se entendia; havia assim uma luta muito grande das pessoas que participavam, não sei se continua até hoje, né? - Eu saí não sei, né? já tem 4 anos que eu saí (risos)- como é que está isso aí. Então por isso que eu saí mas aposent, eu não pensava em aposentar não. Obrigada! 32 anos vou sair, mas eu podia, eu acho que eu ainda poderia ter continuado na Escola e dado alguma coisa, mas não na parte administrativa, eu queria mais coisa que na parte administrativa, tá?

V.: Esse professor Evaristo que você citou é aquele do curso de especialização?

C.: É.

V.: Como é que veio esse curso de especialização prá cá, foi um, é uma especialização à distância, convênio ABEn e Universidade de Mogi das Cruzes... É...teve uma mãozinha sua?

C.: Teve sim.

V.: Conta pra gente (riso)

C.: É, é que eu achava assim que as enfermeiras não sabiam ainda nada nesta área, sabe? ô, ô...de pesquisa? Pesquisa. Aí eu falei assim: “ô professor, quem sabe o senhor vai despertar o pessoal lá em Minas Gerais”, né? E ele topou, sabe?

E.: Ele já tinha sido seu orientador no mestrado, não?

C.: Já tinha sido meu orientador, que ele foi desde o começo, né?

E.: Foi no mestrado e no doutorado?

C.: E no doutorado, ele me acompanhou, né? E eu acho assim que foi muito bom a vinda do professor Evaristo aqui, né? dar o curso de, de estatística, né?

V.:... metodologia da pesquisa.

C.: Metodologia da pesquisa, mas na realidade o que ele não queria era estatística, mas na realidade era pra dar um embasamento; quando ele me, me falava assim na pesquisa: “Isso aqui é exclusão isso é inclusão”. Então, ficava assim, muito difícil da gente entender uma pesquisa, não é? Então foi dado o nome metodologia da pesquisa mas, (inaudível) Evaristo, né? (tosse)

V.: Mas o que você se lembra, né? busca na memória sobre esse curso de especialização? Esse de, do é a distância? ...Nesse à distância? Sim conseqüências pra Escola interferências, problemas?

C.: Ó teve um problema, você sabe que sempre teve um problema aqui na Escola que era financeiro, né? as dificuldades assim pra trazer pessoal, que a gente sempre tinha que dar um jeitinho pra conseguir dinheiro, como até hoje, acho que é a mesma coisa, né? É, e houve uma resistência que eu acho que o pessoal não queria fazer, acho que não só em relação a esses, como em relação aos cursos que foram dados pelo NUTES CLATES aqui na Escola. Foi na sua época, né? Era uma resistência muito grande. O pessoal falava assim: “trabalhar do jeito que a gente trabalha e ainda ter que enfrentar um curso?” Ficava muito pesado, sabe? Então vinha aquele pessoal do [Nutes Clates] a única coisa que você fazia, eu não sei se acontecia com você, eu assistia, sabe? a presença física pra mim, agora o resultado, eu não sei se a gente conseguiu aproveitar alguma coisa. Algumas pessoas aproveitaram mas no, no global não houve aproveitamento e se, e como esses curso o professor Evaristo foi a mesma coisa como foi do Joel[Camacho], como, sabe? (inaudível) exatamente só a presença, a pessoa vai

lá só pra sair com um título (tosse) aproveitamento fica mínimo, porque você tem que estudar e você não tem tempo então, uma série de coisas, né?

V.: E parece-me que desse curso de especialização surgiram algumas, algumas pesquisas, não sei se as primeiras de, de docentes fora do, do mestrado.

C.: Hum, hum. Surgiram sim é inclusive a, eu me lembro que a, a, como é que ela chama? A [inaudível] com a Maria do Carmo tentaram fazer pesquisa, muita gente tentou fazer pesquisa mas, eu acho que não concluíram, né? Teve alguém que concluiu eu não me lembro!

V.: A Daclé [Vilma Carvalho], o grupo da Daclé foi depois até premiado em 1984...

C.: ...eu não tenho muita certeza não.

V.: Daclé fez uma pesquisa com, com as meninas, Jane Salete, a Míriam Biazio Bacha Magalhães; algumas pessoas concluíram e ganharam até prêmio... É, né? na, no Congresso Brasileiro de Enfermagem [sobreposição de vozes]. No meu departamento eu acho que teve uma influência sim...

C.: ... uma influência grande, né? Eu acho assim que o departamento marcado mais pela pesquisa é o de vocês do DEB, né? É o pessoal que, posso dizer, tem uma posição de vanguarda na pesquisa é o grupo de vocês lá do DEB, sabe? Na Escola de Enfermagem como um todo foi o grupo que é se envolveu mais, que achou que era importante. Eu acho que continua até hoje, eu acho que não mudou de diretriz não, acho que continua ainda até, né? Não sei como é que estão as outras áreas, os outros departamentos, mas eu sei que o de vocês ainda é aquele que está sempre puxando a pesquisa e valorizando a pesquisa, né? o de vocês.

E.: Voltando à história do projeto da especialização, do mestrado, acho que seria importante você dar uma esclarecida, o que aconteceu com esse projeto que deve ter sido investido muito... curso, era uma de...

C.: Foi, a Escola inteira voltou-se pra (inaudível) que nós tínhamos grupos responsáveis é, um grupo pela especialização, outro pelo mestrado, outro pelo doutorado, sabe? E, eu acho que na época...

E.: ... você ainda tem esse projeto? ... ainda vou ter...

C.: Eu tenho ele... o primeiro? É inclusive eu tenho, eu tenho a impressão que tem uma parte aqui no meu armário, se ainda tem um armário aqui dentro, que às vezes eu ainda

não desocupe, que está cheio de livro aí.

V.: ... no 5º andar?

C.: No 5º andar. Olha eu tenho que mexer nele aí, sabe? E, então a gente faz não só esse, ó além desse projeto tinha um projeto de integração docente assistencial fazia, fazia parte de um...

E.: ... aquele do Hospital das Clínicas... Isso. O, como é que ele chamava? Ele tinha um nome que a Vitória era, era, conduzia a cabeça dele...Isso. Você tem esse projeto em mãos?

C.: Eu tenho a impressão que eu tenho, vou lá buscar minhas coisas lá, se eu não..., (Inaudível) deve ter, sabe? E, e então era , é a gente ia mandar pra uma instituição pra valorizar, né? Ia mandar pra uma instituição para valorizar. Você está passando mal?

V.: Não, estava tentando lembrar o nome do, do projeto lá da Vitória [sobreposição de vozes] porque a Lídia [Maria, de Queirós Rocha] me contou uma história (risos) parte da história dele.

E.: Aquele projeto é muito...

V.: CAEEEn [Comissão de Assistência e Ensino de Enfermagem Órgão Oficial de Consultoria Técnico Administrativo do Hospital das Clínicas - 1978].

C.: CAEEEn, CAEEEn. Isto, [inaudível] foi resultado desse projeto, foi o único que conseguiu ser implantado, foi essa integração docente assistencial [sobreposição de vozes]

E.: Você está doida, eu não lembraria jamais.

V.: Então fala um pouco do CAEEEn (risos)

C.: Porque a, aí o a, os outros, foi interessante porque esse mesmo projeto ele foi utilizado por uma outra escola que não me lembro qual foi, e passou à frente da nossa Escola e conseguiu recurso, era uma instituição estrangeira que ia dar (inaudível), sabe? Tanto que quando surgiu o projeto da [Fundação] Kellogg, aí nós colocamos o negócio lá, a toque de caixa prá conseguir, porque senão seria uma outra forma da gente pedir o recurso que seria mandado prá cá, pra gente. Então, uma outra instituição, não me lembro qual foi, ainda vou tentar me lembrar, que acho que foi até a Universidade de São Paulo...

V.: Que aproveitou o projeto [sobreposição de vozes] para o mestrado aqui?

C.: Isso. Sabe eu não tenho certeza não, mas houve uma outra uni, uma outra instituição que aproveitou, pegou os recursos e nós ficamos (inaudível), né? não conseguimos. Agora a CAEEn, foi assim uma história muito interessante porque o, é o pessoal queria a ferro e fogo pegar o Hospital das Clínicas; o objetivo era pegar, e queria reconquistar a enfermagem do Hospital das Clínicas que tinha perdido a um tempo atrás e a forma melhor seria através da CAEEn.

E.: Você se lembra porque se perdeu isso?

C.: Ó, nós perdemos [sobreposição de vozes] porque ó, nós perdemos porque a partir do momento que a Escola passou a ser de nível superior, o pessoal acho que não poderia, não deveria os próprios alunos, enfermeiros, professores da Escola não deveria assumir, já devia ter a mesma coisa igual a faculdade de med, os alunos da Faculdade de Medicina, vai lá fez o seu trabalho e vai embora, ninguém fica lá. Foi a partir daí que surgiu exatamente a perda ... do espaço... do espaço. A Escola perdeu totalmente o espaço, acho que continua ainda eu não sei como é que está agora, né? Perderam esse espaço e aí tentaram voltar, né? Porque se você é, por exemplo chefe de uma unidade como professor da Escola de Enfermagem, enfermagem no Hospital das Clínicas você tem toda autonomia, os seus alunos podem chegar lá, isso era o que acontecia anteriormente, com o afastamento nós perdemos, né? Perdemos e chegou ao cúmulo inclusive de algumas alunas não fazerem estágio no Hospital das Clínicas é, eu acho que teve uma época que nós saímos totalmente do Hospital das Clínicas, não é? E a CAEM era pra resgatar isso aí que tinha perdido só que... foi muito infeliz, nós fomos infelizes que o pessoal queria entrar lá a ferro e fogo e nessa altura já tinha muita enfermeira no Hospital das Clínicas e eles rejeitaram, sabe? Porque eles queriam, a Escola pra entrar e as enfermeiras [falavam] nós vamos ficar submissas à Escola de Enfermagem, e elas não queriam isso, sabe? uma rejeição muito grande.

E.: É na realidade chegou a entrar, né Carmelita?... É... porque teve, teve a, a acho que era a Vitória que era a coordenadora do [sobreposição de vozes]

C.: Era, era a coordenadora, era a coordenadora.

E.: Ah, se eu me lembro, a Lídia era...

C.: Vitória, Lídia e a Míriam, Míriam Ferrete.

E.: Míriam Ferrete... Era, Míriam Ferrete era coordenadora.

C.: As três (risos) Gercy... Ah, Gercy eram as quatro. As quatro, né? Essas quatro.

E.: E tinha uma pessoa que era do ambulatório, era a Míriam que era do ambulatório?... do ambulatório... Acho que era Míriam, é Míriam era do ambulatório [sobreposição de vozes]

C.: É acho que sim é a Míriam, a Míriam era (inaudível) pelo ambulatório, a Gercy pelo intermediário, não sei quem pelo, como é que é pela [classificação?]. Lídia. É, era intermed [sobreposição de vozes]. Eram [três níveis de atendimento]: básico, intermediário, intensivo. Então, cada uma ficava com isso aí, sabe? e eu sei...E a Vitória era a coordenadora... A Vitória era coordenadora só, era a Vitória e a Yole; a Vitória na frente e a Iole atrás (risos). Fazendo um respaldo, aí só que as enfermeiras não aceitaram, não é? Acho que elas queriam o comando também, e até eu acho que ela tinham razão e a Lídia, a Gercy começaram a ser queimadas lá dentro do hospital, né? Quer dizer o pessoal daqui tinha ess, essas quatro lá, mas não ia lá, que o importante seria que levasse todos os alunos, todo mundo assumir, mas ninguém queria assumir, ficaram as quatro lá representando a Escola de Enfermagem, que eu acho que não foi bom pra Escola, acho que a Escola se queimou com isso aí, tanto que foi na época da Noemi, a CAEEEn surgiu foi na época da Noemi.

E.: Não foi na época da Yole, não? (inaudível)

C.: Foi da Noemi, começou com a Yole mas terminou na Noemi, quando, quando a Noemi saiu de férias em novembro, né? eu assumi que era a decana da congregação, eu assumi e removi as três prá cá, sabe? Foi uma decisão assim meio na brusca que eu ia no Hospital das Clínicas e ouvia os comentários terríveis em relação à Lídia, em relação à Gercy, em relação à Míriam e eu falei assim: “Gente não está na hora de vocês queimarem”, e eu chamei as três, conversei abri a situação: “Vocês deveriam estar lá se a Escola inteira assumisse, mas a Escola não assumiu, por que vocês vão ficar lá, pegando, inclusive indo de manhã, tarde e noite no Hospital das Clínicas, né?” Aí elas aceitaram, ponderaram realmente, aí nós convocamos uma reunião que a Sophia..., lembra da Sophia? (risos) [sobreposição de vozes] a Sophia [Abalém] veio, a Sophia era, né?...Gordinha!...Gordinha, decisiva, né? Ela veio, ela não queria perder,

porque a Sofia também estava na coordenação junto com a Vitória, era a Vitória com a enfermagem e a Sophia pelo hospital, né? Então a Sophia não queria assumir sozinha, se a Vitória saísse aí a Sophia tinha que ficar sozinha ela não queria. Eu sei que nós fizemos uma reunião ampliada aí, eu não sei se vocês se lembram dessa reunião que nós fizemos aqui, e nós chegamos à conclusão que a CAEEEn ia sair do hospital e aí acabou.

E.: Agora esse, o pro, a CAEEEn fazia parte desse grande projeto que os...

C.: ... integração docente assistencial.

E.: ...não o da integração docente assistencial, o da especialização e do mestrado, doutorado.

C.: É pelo projeto todo, o único que tinha integração docente assistencial e, especialização, mestrado e doutorado...Ah..., sabe? Era um projeto único.

E.: E por que o resto, a especialização, o mestrado e o doutorado, que... ah, pelo menos a integração docente assistencial, por esse lado não deu certo...É não deu certo... mas começou, e os outros por quê?

C.: Os outros exatamente porque não tinha pessoal preparado, nós ainda não tínhamos pessoal com mestrado, com doutorado.

E.: Quer dizer que depois do projeto pronto é que se chegou à conclusão que faltava... faltava... o corpo docente?

C.: Isso. Faltava pessoal, né? aí o pessoal começou a sair pra fazer mestrado, fazer doutorado e mesmo assim o projeto não saiu, veio sair há pouco tempo, né? que foi criado o colegiado foi, né?

E.: É, é talvez pra terminar a questão da sua formação...por que de sua decisão de, depois de aposentar, fazer medicina?

V.: Uma pergunta antes então: você fez psicologia muito antes ... fala dessa outra, dessas outras graduações então? (risos)

C.: Eu entrei pra psicologia em 1964, tá? Porque eu sentia que o,...

E.: Aceita café?

C.: Não quero não obrigada! Eu sentia que a população precisava ser melhor entendida pelo enfermeiro, sabe? Quem sabe eu fazendo psicologia eu possa dar muito mais, né? Entrei pela área da psicologia; inclusive eu falei assim: gente como é que eu vou fazer

vestibular e ainda tenho que estudar tudo de novo, né? E, e a, acompanhando a Marina Resende que estava doente, e aí eu falei assim, que naquela época tinha seleção numa língua, ou francês ou inglês, e no meu colégio eu tinha estudado francês, mas não lembrava mais do francês não. Aí a Marina virou pra mim e falou assim, como eu dava plantão com ela toda noite: “Você traz o material de francês que nós vamos estudar aqui e você vai fazer o vestibular. A enfermagem ela precisa de um “lugar ao sol”, né? e eu acho que você vai ter um papel muito grande nessa enfermagem, principalmente na Escola de Enfermagem, então tá certo vamos fazer, né?” Então, toda noite eu, eu estudava com ela o francês, aí eu fiz o vestibular e passei em psicologia e fiz psicologia.

E.: Foi aqui na Federal que você fez?

C.: Não, eu fiz na Católica, ah...eu fiz na, na Católica e a, e a escola funcionava aqui, aqui onde era o DER na..., o DER aqui na AV. Brasil... João Pinheiro... tinha, AV. Brasil e fica perto do Palácio do Bispo aquele prédio grandão que tem ali... Sim, sim...então os cursos da PUC funcionavam ali, todos eles, né? que não tinha ainda a, a parte lá, e fiz o curso inclusive numa época muito pesada que eu, numa época que eu respondia pela direção, outra época respondi pelo Municipal. Às vezes eu saía de lá 11:00 horas do curso e ia para o Hospital Municipal, né? Mas que dava pra gente conciliar, sabe? E eu comecei, quando eu me formei eu comecei a trabalhar na psicologia, sabe? Mas eu deixei porque eu achava muito sério a gente lidar com a problemática mental do outro se a gente não está preparada, sabe? Eu falei assim: meu Deus como é que eu vou trabalhar com pessoas se eu não tenho um preparo ainda? Porque eu estava na enfermagem eu não podia entrar pela psicologia, eu não me interessava em deixar a enfermagem, né? Eu precisava ter uma formação maior na psicologia, comecei a atender alguns, algumas pessoas, alguns casos inclusive uma des, das minhas clientes foi essa [funcionária] Dora que está aqui no telefone que ela tinha... Ah, sei qual que é... exigia um trabalho muito grande, ela não saía de casa sozinha, sabe? O meu trabalho foi com ela, o primeiro [sobreposição de vozes] ela deu o telefone aqui ó, aqui o telefone essa Dora (inaudível), sabe? Ela tomava 10 medicamentos nessa época e eu comecei, né? fazer um trabalho com ela, hoje ela não toma medicamento nenhum, ela voltou a estudar, fez seleção pra é, na Cruz Vermelha



em técnico, passou em 1º lugar, depois ela fez seleção na universidade pra recepcionista e passou em 1º lugar, sabe? Então, quer dizer foi uma conquista, sabe? Aí eu falei assim: será que vale a pena continuar, eu preciso de mais coisa, porque lidar com a mente do outro não é lidar com o corpo, é totalmente diferente, né? com o físico. E aí começaram apresen, algumas pessoas começaram a apresentar problemática que eu não me sentia preparada para, eu devia estudar mais e eu não tinha..., ou estudava enfermagem ou estudava psicologia, eu fiz a opção para estudar enfermagem, quero mais ficar na enfermagem, então por isso que eu parei na psicologia, mas mesmo hoje eu estou tendo a disciplina saúde mental, mesmo o médico psiquiatra brinca com o doente muito relacionado com a parte mental. Eu fico chocada com as coisas que eu estou vendo aqui agora, sabe? E eu fico pensando como é que um médico sem preparo, ele sai pra atender um paciente, né? se ele não tem um preparo, não tem o preparo necessário, isso em todas as áreas, isso não é só na área de psiquiatria não. Sabe? Tanto que há pouco tempo um parente, eu não sei se vale a pena ser registrada aí... Você que sabe... é, é a Lídia, né? Eu tentei fazer um trabalho com a Lídia [Maria, de Queirós Rocha] também para ela se recuperar, sabe?

V.: Na doença dela atual?

C.: N: doença dela atual, há 6 anos atrás que eu comecei a sentir que ela estava puxando da perna, comecei a falar com ela, eu falei assim: eu quero fazer um trabalho com você e ela não aceitou porque eu era espírita na época, né? hoje eu não sou nada, sabe? (risos) aí deixou...

V.: Entrou na linha do Evaristo!

C.: É, entrei na linha do Evaristo (risos) Mas eu acredito em Deus (risos) o Ser maior e mais maravilhoso é Ele. E aí eles começaram, eu senti que o médico estava (inaudível) a Lídia e eu precisava de fazer alguma coisa por ela, tentei conversar com o cunhado dela que é neurocirurgião, ele não aceitou que conversasse, e isso é um trabalho que estou fazendo já tem bem tempo, porque eu já enfrentei um grupo de médicos do Hospital Felício Rocho eles operaram um paciente achando que era carcinoma de estômago e não era carcinoma, eu tentava mostrar pra eles pela maioria que não era carcinoma, era leishmaniose mas eles não admitem, eles não aceitam que outro profissional dê palpite (inaudível), sabe? Aí o que eu fiz o cunhado dela não aceitava,

marquei, eu perguntei pra ela: quem é seu médico? fulano de tal. Aí eu marquei uma consulta pra mim com esse médico. Fui lá na hora que eu entrei, né? “Ele me falou assim ó: qual é o seu problema?” Eu falei assim: “O senhor vai até achar graça de eu colocar meu problema, né? Eu estou aqui por causa de fulana de tal, né? que está com esse problema, ela está com esse diagnóstico que é síndrome do neurônio motor e para mim síndrome do neurônio motor doutor, não é diagnóstico pra, e síndrome do neurônio motor ele é um efeito, não é? Deve ter uma coisa aí por trás e eu acho que o senhor poderia fazer um mapeamento mais detalhado do cérebro da, da Lídia que eu acho que o senhor vai descobrir que tem alguma coisa no cérebro dela que resolve esse problema dela.” Mas eu senti, aí eu falei com ele que eu era enfermeira, sabe? Não falei nem que era..., eu estava estudando [medicina], fazendo neurologia na época, estava estudando neurologia. Aí ele me deu uma aula...deu uma aula de, de mapeamento cerebral e eu estava exatamente fazendo com um professor lá do [Hospital] Madre Teresa, né? A cintilografia, que estava dando tudo assim, e eu fiquei lá sentada ouvindo, ouvindo, ouvindo. Chegou no final eu virei pra ele e falei assim ó: “Eu não tenho autorização da Lídia, eu não quero que o senhor fale o diagnóstico, eu só estou pedindo, eu só vim trazer uma mensagem para o senhor fazer o mapeamento cerebral dela, estou dando um recado, o que vier depois é problema seu, não é meu, eu cumpri minha tarefa, estou aqui te dando esse recado, até logo e bênção, sabe?” E então eu, sinceramente, eu estou na medicina mas eu estou chocada, sabe? com as coisas que eu estou vendo na medicina, sabe? Às vezes eu falo assim, gente o pessoal de enfermagem acha que não está fazendo nada, vocês estão fazendo coisas maravilhosas, sabe? Cada pesquisa maravilhosa e na medicina o negócio, sabe? Está meio crítico, bem, bem crítico, sabe? Então, a psicologia foi isso, na enfermagem eu resolvi fazer porque eu, eu pretendo criar um, um lar para idoso, sabe? e eu quero colocar esse lar pra idosos no interior. Se eu fizer esse lar pra idoso dentro de Belo Horizonte...

E.: Enfermagem não, a medicina!

C.: É a medicina.

E.: Você mencionou a palavra...

C.: Enfermagem, é medicina, então eu estou fazendo medicina exatamente por isso, porque criar esse lar pra idoso e eu pretendo dar assistência pra esses idosos no interior porque conseguir um médico daqui ir para o interior vai ser muito difícil. Então eu estando lá dentro eu pretendo criar e ficar lá então, vai ser muito mais fácil, né? E eu espero ir com essa resistência até 100 anos viu gente? (risos) Até 100 anos eu quero ir que eu quero fazer esse trabalho [sobreposição de vozes] se puder ser mais, melhor, né? Se puder ser mais, melhor.

E.: A expectativa de vida hoje dá pra ir além... Isso... então...

C.: Então não está sendo fácil eu vou colocar pra vocês que não está sendo fácil fazer medicina, porque a, a medicina é toda em cima assim de, de decoreba, você tem que decorar as coisas e eu não estou mais naquela época de decorar eu estou na época mais de raciocínio. Essa coisas ontem por exemplo, eu fui fazer uma prova, uma prova de 30 minutos, não é? o professor dá uma prova pra fazer em 30 minutos, dá os 30 minutos ele toma a prova, cê ver tá nesse nível, e eu saí de lá chocada porque eu falei assim: "Meu Deus e não fui bem na prova por mais que eu tenha estudado, eu preciso na minha idade que estou, eu preciso de tempo pra poder me adaptar, um tempo pra poder ler a prova inteira para depois eu voltar a responder e não é dado esse tempo.

E.: O raciocínio hoje seus é outra coisa completamente diferente!

C.: Você entendeu, então fica muito difícil para acompanhar o negócio, quer dizer eu estou indo, né? e, e depois eu não estou com aquela preocupação de tirar notas maravilhosas e nem de passar, sabe? Se tiver que perder uma matéria, eu perco com a maior tranquilidade porque o que eu quero é conhecimento, eu não quero nota. Eu já falei inclusive pra eles e nem quero também passar eu prefiro ficar, né? Mas tendo consciência de que, o que eu quero é aprender não estou querendo realmente nota, nem nada não, sabe?

V.: Que período você está fazendo?

C.: 5º período.

V.: 5º período...você foi dispensada de alguma disciplina em função do curso?

C.: Eu não quis ser dispensada porque eu me formei em 60 na enfermagem; olha a diferença se eu tivesse é que deixar essas disciplinas todas pra trás não teria condições de acompanhar, sabe? Porque é, eu poderia ter sido dispensada de toda a parte básica,

não é? Já poderia entrar na parte, na parte profissional mas, como que eu iria acompanhar a parte profissional se eu não tinha, sem a base, a outra parte, né? Então eu preferi fazer, eu fiz toda a parte de, do ICB com muita dificuldade, vou ser sincera com vocês, com muita dificuldade, porque é um arraso aquele ICB, sabe? É assacrante, então...

V.: Com 20 anos ele é um arraso, imagina depois que a gente já saiu!

C.: Né? Então achei assim a gente fazer uma prova...

### [FINAL FITA 4 LADO A]

#### FITA 4 LADO B

C.: (inaudível) muito grande que eu acho que a medicina ela não é conhecimento científico só, não é? a medicina não é só, é você está bem com o paciente, fazer uma bela entrevista, coletar dados, e a partir dali você não valoriza o que o doente falou, mas o que você vai pedir de exames de laboratório, de raio x, essas coisas, que quem dá o resultado pra você de diagnóstico são esses exames complementares, não é aquilo que o doente coloca pra você. Então isso choca muito a gente, a gente já tem esse tipo de experiência de ver, né? E o professor passa isso para o aluno. Eu acredito que na enfermagem, a medicina que deve ter também a mesmo a enfermagem do futuro é aquela que vai lidar com as questões psicológicas do indivíduo, porque nós somos seres que estamos em crescimento. Se a gente observar o que a gente era aí na idade da pedra e no momento que a gente está agora, a gente está vendo que a gente está pulando degraus e mais degraus e a gente tem que pular esses degraus pra poder entrar no segundo milênio, viu? Porque a recuperação do paciente, no futuro, não vai ser exatamente as questões ligadas à parte psicológica, o próprio paciente lidando com os seus problema físicos e resolvendo ele mesmo, tendo apenas alguém como apoio, não é estragando o indivíduo. Eu vejo lá no hospital, lá no ambulatório todo o paciente que tem problema hipertensivo, ele sai de lá com medicamento anti depressivo, sabe? e com isso que, que vai acontecer uma desorganização no organismo do indivíduo e nós não estamos mais na época de você desorganização não, você tem que trabalhar é pela

integridade física do indivíduo, trabalhando a parte mental dele pra ele mesmo desenvolver as questões físicas. Então isso é, é está sendo uma dificuldade muito grande pra mim exatamente por isso, você tem que deixar os sinais e sintomas do indivíduo e esqueceu que ele tem um contexto maior, né? que ele é um ser, um ser divino, ele é um ser em evolução, ele não tem só esse corpo físico, ele tem algo mais importante que precisa ser trabalhado e que isso não é visto em lugar, nenhum nem na enfermagem, nem na medicina. Então, essa dimensão espiritual tem que ser vista, porque essa dimensão espiritual está ligada à áreas psicológicas, sabe? O indivíduo é um ser que pensa, é um ser que decide e nós não temos direito nenhum de decidir pelo outro, por isso mais que eu sei da psicologia, que na psicologia o indivíduo é mais, manipulado, ele é manuseado e todas as decisões está na mão do, do psiquiatra e terapeuta, o indivíduo não toma decisão nenhuma, então ele joga por exemplo, a partir do momento que o médico rotula, ela é uma pessoa, ele não sai daquele rótulo nunca mais. Pode ser que você tenha tido uma crise de pânico por algum problema, que uma perda de um membro da família você tem uma crise de pânico a partir dali você é rotulada, né? Como uma pessoa que tem uma desorganização de personalidade de, é um esquizofrênico em potencial e toca medicamento, depois você não sai mais daquilo.

E.: Você bem, acabou de dizer que não é mais espírita?

C.: Não, não eu deixei. ...o, sabe? Porque a partir d

E.: Uai, enquanto, enquanto o, vamos dizer religião [sobreposição de vozes]

C.: Eu não tenho religião nenhuma não, eu sou apenas cristã, não é? Como cristã eu [sobreposição de vozes] assumi o meu Ser Superior...

V.: Esses princípios?

C.: ...é, sabe? ...uma vez no dia ...de ...

E.: Os princípios na realidade mantém. ...trabalhar ...

C.: Mantém porque no catolicismo eu tinha esses princípios, que eu tinha um corpo e tinha um espi, uma alma, só que era diferente que tinha uma alma, né? Então, é, eu acredito que a gente sobe degraus e mais degraus na nossa evolução bem, o que você pensou ontem, hoje você já não pensa. A gente vê que cada dia a gente está passando por transformação e essa transformação ela vai (inaudível) e essa transformação é

tomada pela gente mesma, nós é que fazemos o nosso próprio crescimento não é ninguém não, né? Ninguém tem o direito de decidir por ninguém, por isso que a gente tem que começar a preparar os nossos alunos nessa dimensão de que nós não somos detentores do conhecimento não, talvez uma pessoa leiga ela já detenha muito mais conhecimento do a gente, e a gente está dando essa de bacana aí, achando que é tudo no trabalho em relação ao paciente e eles pesam muitas coisas. É por isso que eu estou na medicina eu quero fazer um trabalho junto ao idoso, onde o idoso tenha uma lar, não um asilo, não um depósito, né? que ele seja valorizado como ser humano, que ele mesmo trabalhe o seu próprio conhecimento, né? Então nós vamos construir a casa, ele vai ter a casinha dele onde ele vai criar galinha, onde ele vai plant, criar a plantinha dele então ele vai ter, ele vai ser aquilo que ele gostaria de ser, um ser, né? em evolução e não porque ele é idoso que ele não possa crescer, ele vai crescer, né? então é exatamente esse meu objetivo na medicina.

E.: (inaudível)

C.: ... trabalhar com o idoso é isso aí.

V.: Vai chegar lá!

C.: Com certeza, com um ano, dois anos, três anos, cinco anos, dez anos, mas eu vai chegar, né?

V.: Não importa o tempo.

C.: Não importa o tempo, sabe? Porque a partir do momento quando eu chegar no 7º, 8º período eu tenho a impressão que eu já posso começar a fazer algum trabalho, aí eu já posso começar a construção do asilo.

V.: E como que vai, você achar que vai ficar nesse tempo no 7º, 8º período, a sua relação na escola de medicina, os estágios.

C.: É eu vou tentar ver se eu consigo desmembrar, que o aluno aí no estágio ele pode escolher o hospital, escolher local pra trabalhar, sabe? pra ter experiência, e eu acho que eu posso fazer isso a partir do 7º, 8º período eu posso entrar nos asilos, aí começar a fazer um trabalho nesta direção pra adquirir já experiência no trabalho que eu estou querendo fazer, sabe? O que eu quero exatamente é entrar em clínicas, sabe? Eu não me interesse por, por outras coisas a não ser clínica e pegar aquelas áreas que vão ajudar na manutenção da saúde do idoso, né? que exatamente a parte psicológica, não

que saúde mental aí é só nome, é só distúrbios psiquiátrico que a gente estuda, sabe? E a parte de neurologia que atinge muito paciente, a parte cardiológica que ... e a parte de ortopedia, pegar alguma coisa assim que possa complementar pra dar uma assistência boa para o paciente, sabe?

V.: Muito bem. Vamos interromper voltamos outro dia em função do horário.

C.: Hum, hum.

V.: Obrigada, hein!

C.: Nada, eu é que agradeço. Valda, eu vou ver se eu trago o material.

**[FINAL FITA 4 LADO B]**

**[O LADO B NÃO FOI TOTALMENTE GRAVADO]**

**FITA 5 LADO A**

Valda: Carmelita, da outra vez nós terminamos nossa conversa [inaudível] sobre... falando sobre o curso de medicina, porque você escolheu...

Carmelita: ...isso.

V.: Sobre a história da casa dos idosos... você quer completar esse dado ou... (...)

C.: Na realidade eu não sei o que eu falei, sabe? [risos]

V.: Isso, sim?

C.: Né, que, que aconteceu, a, em mil novecentos... quando me aposentei em noventa e dois, é... eu já havia, é... feito assim, algumas disciplinas, não sei se foi em noventa e dois ou noventa e um. Eu havia feito algumas disciplinas isoladas lá no ICB [Instituto de Ciências Biológicas], sabe? Exatamente pensando em construir um asilo e trabalhar no interior. Essa minha idéia foi desde 1987, eu já estava com esta idéia, mas sem tempo de dar prosseguimento, mas quando me aposentei, eu acelerei, sabe, comecei a acelerar o processo. Já havia entrado com o pedido [inaudível] pra eles, de obtenção de novo título e nós éramos oitenta candidatos, [inaudível] para uma vaga. Eles fizeram a seleção, foram selecionando, né, e no final ficaram cinco candidatos e fizeram uma, uma, uma segunda seleção e colocaram dois candidatos num mesmo nível. Fui eu e

outro, sabe? E aí, conversando com as pessoas eu descobri que eles haviam feito isso exatamente dentro da possibilidade de me eliminar da obtenção de novo título, em primeiro lugar por eu ser mulher, em segundo lugar por eu ser, pela minha idade, tá? E, e aí eles me convidaram para fazer uma entrevista, sabe? Eu fui convidada para fazer uma entrevista e o outro também. O outro tinha quarenta e poucos anos, eu estava com cinquenta e... cinquenta e três, cinquenta e quatro anos. E você sabe, na entrevista teve só que é muito, é, subjetivo, você pode eliminar quem você quiser, você põe lá quem você quiser, né? Aí, é, é, em vez... eles colocaram outro rapaz que era do ICB, inclusive professor também do ICB, né? E como já eu estava sabendo do processo, e, aí eu entrei com um processo contra a universidade, eu entrei com o processo, né? Aí eu tentei, elaborei, é, [inaudível] exatamente que eu tinha visto, que o rapaz que foi selecionado, por exemplo, ele era professor auxiliar da Universidade e eu era professor titular. Então eles não valorizaram muito os meus, os meus títulos, sabe? Aí eu entrei com o processo, é, primeiro na, na, na Pró Reitoria de Graduação, onde eles nem tomaram conhecimento, simplesmente indeferiram, né? Aí eu entrei na instância mais acima, que foi a, primeiro entrei na medicina, depois na graduação, e por fim eu fui para o Conselho Universitário. Lá no Conselho Universitário já estava a, situação mais leve, porque é, eu já havia falado que nesse nível né, dependendo do deferimento ou indeferimento eu continuaria com o processo até a, o Ministério da, da...

V.: da Educação.

C.: da Educação. Isso aí eu estou contando agora porque ninguém acompanhou e eu fiz isso, né?

V.: Hum, hum. Sei.

C.: E foi quando a, a procuradoria da Universidade fez a análise né, e, e realmente... já tinha começado com um semestre [inaudível], aí eles me mandaram a carta falando que eles haviam, havia havido um erro na, na comissão. Pela primeira vez a Universidade admite um erro, né? E eu, eu havia pedido uma nova revisão de todos os documentos, meus títulos, tudo isso estava, aí eu fui, eles me mandaram falar que eu poderia, no segundo semestre, me matricular no curso de medicina, tá? Aí eu me matriculei. Aí nessa altura eu já fiz mesmo de propósito, sabe? Eu poderia ter desistido, aproveitar minha aposentadoria, viajar, passear, né? Mas falei assim: “Agora é uma questão de



honra e eu tenho que entrar e tenho que fazer, né?”

V.: Hum, hum.

C.: E fiz, não é? Inclusive, assim com maior, muita dificuldade, porque o ensino hoje é totalmente diferente, né? Da época que eu estudei, eu me formei em sessenta. Na época do, que, hoje, se for pegar você, que eu acho que saiu há pouco tempo, e a Estelina, se for olhar agora, a situação está totalmente diferente, mesmo no ICB. E meu objetivo é exatamente esse, construir um asilo e trabalhar no interior de Minas, Taquaraçu de Minas. É, fazendo lar para idosos, não vai ser asilo como todo mundo fala, né? Vai ser um lar, onde o idoso vai ter é, a oportunidade de reviver a sua, sua, sua situação como pessoa humana, porque normalmente o idoso é colocado aí, nos depósitos, né? Tenho visitado uns asilos aí, e fico horrorizada com, que as pessoas são jogadas nos asilos. Eu pensei em me formar exatamente para dar continuidade a esse trabalho que eu estou querendo fazer, sabe?

V.: Esse trabalho tem algum vínculo com outra instituição, ou outras pessoas estão envolvidas?

C.: Não. É, não vou falar que não, é, eu fiz uma série de cartas, mandei para várias firmas em São Paulo, mandei para várias firmas em Belo Horizonte, e algumas inclusive mandaram contribuição, é, até a Volks, [inaudível] eles mandaram dinheiro, sabe? E, agora, uma das firmas que nós mandamos para São Paulo, chamada é, uma instituição chamada [Business], não sei se vocês conhecem, está ligada à Igreja Protestante, Igreja Católica. É uma instituição, né? E eles fazem, eles assumem a construção de qualquer obra caritativa, sabe? Nós mandamos a carta e eles acolheram nossa carta, né? Só colocando que havia uma, uma seqüência a ser seguida, de acordo com a...chegada dos pedidos, né? E nosso pedido estava, foi aceito, mas agora teria que aguardar aqueles que já estavam na frente. Então nós estamos aguardando prá começar a construção, prá pelo menos já ter algum material lá no local, né? Tem tijolos, telhas, uma porção de coisa lá, né?

Estelina: Quer dizer que o local vocês já têm?

C.: Já temos um local 67.000 metros quadrados. Uma área muito boa. E, então, agora em fevereiro eles mandaram falar que nós estamos bem próximos da gente começar é, desenvolver o trabalho. Por isso que nós temos uma verba boa no banco, né?, rendendo

lá, mas não queremos gastar, queremos assim, que já que essa instituição assumiu, nós vamos fazer a construção através dela, e esse material a gente pode colocar depois prá funcionar [inaudível]. Então, além disso nós temos pessoas que, que associação, ela tem uma diretoria, todas as pessoas... mas na realidade o pessoal é, não assume, sabe, tem uns que pra registrar você, tem que ter uma diretoria, né? Mas quem está trabalhando pra funcionar é a Nilza [de Andrade Ribeiro] e eu, só nós duas; pra valer a pena o negócio ela como secretária eu como presidente, tá? Nós vamos, se Deus quiser, por todo esse ano, dar o início, nem que seja prá fazer terraplanagem lá na área, a gente vai começar, sabe?, fazer alguma coisa.

V.: A quantos quilômetros daqui?

C.: Cinquenta e cinco.

E.: É? [riso]. E por que a escolha desse local?

C.: Ó, esse local, é, não sei se vocês sabem, que é uma fazenda que eu tenho lá, né? Eu comprei esta fazenda em setenta e quatro, tá? E então, como eu não pretendo ter fazenda, eu acho que fazenda só dá dor de cabeça, dá muita mão-de-obra, e você nunca consegue empregados, assim, de confiança. Se você precisar sair, é, ainda existe a fazenda exatamente por causa do asilo. Então eu fiz a doação de 67.000 metros quadrados, depois que a gente construir, a gente tem outro projeto além do, do lar pra idosos, de fazer assim, local pra criança, né? É, é, como é que fala? Não seria propriamente um, um orfanato, mas colocar crianças, por exemplo, as mães vão trabalhar, lá dentro da área rural, trabalhar, pode deixar, lá, passar o dia. A gente está pretendendo fazer um trabalho também com adolescentes da região, sabe? Então o ... projeto, ele vai ser mais amplo do que só o lar para idosos.

V.: Muito bonito.

C.: Isso é, é pensamento. [risos] Sonho.

E.: É do pensamento que sai a concretização.

C.: Isso. Estou esperando que saia mesmo, com certeza.

V.: É, sobre a história da Escola, sua relação com a Escola de Enfermagem, mais alguma coisa que você se lembre, além do que a gente já conversou?

C.: Eu acho que os cargos que eu já, eu já ocupei, já foram colocados, né?

V.: Algum fato interessante, algum outro...

E.: ...[inaudível] entrevista... inclusive o negócio ... dentro daqui da Escola, né? E não, eu acho que não, acho que foi colocado tudo, viu?

V.: E os [gagueira], a, o tempo da, da história da retirada da capela, você só mencionou e não...

C.: ...hum, hum. A capela saiu na época da Marlene [Natividade Soares de Oliveira], agora, né, foi recente. E desde quando eu assumi a direção da Escola, eu sempre fazia um trabalho pra eliminar. Não era que... eu era católica também, mas eu acho que instituição superior, ela não deve ter uma, um direcionamento religioso, eu [inaudível], você vai ter protestante estudando, você vai ter católico. Eu acho que tem que existir o respeito aos outros que participam daquela congregação, né? Pra que a gente congregar uma comunidade, a gente teria que respeitar essa comunidade. Mas nós tínhamos uma defensora da, da, capela que era a dona Georgina, e [inaudível] de jeito nenhum, tirar essa capela daqui, né? Então todas as vezes que a gente se manifestava pra retirar a capela, ela fazia um movimento e conseguia manter a capela. Acho que até na época da Marlene ela conseguiu fazer o movimento, mas o resto do pessoal já estava mais consciente não é? Tanto que depois ela teve até um, um, não sei se foi um... [inaudível] se afastou um pouco da Marlene, porque fez uma coisa que ela não queria que acontecesse. Mas acho que ela saiu e deveria ter saído a mais tempo. Agora o material, não sei nem pra onde é que foi, da capela, né, se foi doado, o que aconteceu eu não sei.

E.: E, e, como é, como que foi essa sua saída, é, com sua aposentadoria e a sua relação posterior com a Escola, mesmo aposentada? Quer dizer, são duas perguntas.

C.: [inaudível] [riso]. É, eu me aposentei e acho que já até coloquei pra vocês, né? Porque eu tinha exatamente outros planos, porque senão eu teria continuado na Escola, entendeu? Principalmente o plano de construção do asilo. Eu saí da Escola e o meu relacionamento, eu não mudei não, eu continuo, é, como se eu continuasse na Escola, eu sempre estou aqui, eu entro, a gente tem facilidade, então as pessoas precisam, eu estou disponível, dentro das minhas disponibilidades, né? Eu sempre me coloco à disposição, eu tenho impressão que eu tenho boa aceitação. Até agora eu não sei, se tem alguém que é, não me aceita, deve ser camuflado, eu não sei [risos].

E.: Agora você está falando de intriguinha de [inaudível].

C.: Ah, é? Deve ser camuflado, né?

V.: Hum, hum.

C.: Não sei [riso]. Mas, eu me, você sabe que eu me sinto muito bem na Escola de Enfermagem. Eu acho tão interessante é quando eu assim, em qualquer lugar comentários relacionados à Enfermagem, eu fico com raiva mesmo lá dentro da Faculdade de Medicina. Eu fico com tanta raiva delas, que eu tenho vontade de... Esses dias tinha um cara dando aula e falando da enfermeira; eu tive vontade de tor... depois [gagueira] chamei o professor do lado e falei com ele que eu era enfermeira, sabe, e que eu não aceitava aquele tipo de comentário, sabe? Então eu fico com raiva, sabe, quando isso acontece, porque eu me sinto muito mais enfermeira do que qualquer outro profissional. Eu acho isso tão engraçado, como a gente se envolve, né? Com aquilo e, e investe, né?

V.: É, incorporou, né?

C.: Fiquei totalmente incorporada com a enfermagem e eu acho que se eu tivesse que estudar novamente, eu faria enfermagem de novo, sabe? Se por acaso eu reencarnasse, se existisse reencarnação [risos], eu voltar, eu faço enfermagem de novo, tá? Porque eu acho que a gente tem muito mais facilidade de se realizar como enfermeira do que como qualquer outro profissional, sabe? Eu a... eu acredito nisso. Isso [inaudível] real mais eu acredito nisso. Não sei se eu respondi essas...

V.: Ainda enquanto você estava na Escola, você falou que em oitenta e quatro você fez, é, concurso prá professor titular.

C.: Foi

V.: Parece que você foi a primeira professora da Escola de Enfermagem.

E.: Primeira e única [risos]

C.: Eu acho tão engraçado porque na época... [barulho] acho que fez barulho, quando fez a seleção, nós éramos três candidatas, né? Não sei se vocês se lembram, é, eu estava fazendo...é, eu estava fazendo doutorado. E eu tinha marcado a minha tese pra, pra princípio de outubro e a seleção aqui aconteceu em junho, sabe? Eu estava fazendo duas coisas assim, bem pesadas, né? Que dizer, doutorado e mais a seleção. E eu é, eu tinha certeza que era eu que ia ganhar, isso é, absoluta. Mas a irmã Josefa também

tinha certeza que era ela. [gagueira] Sabe, quando duas pessoas estão competindo, agora eu tinha certeza pelos títulos que eu tinha e que ela não tinha, então eu fazia comparação, né? É tanto que ela, depois ela ficou com raiva de mim, a irmã Josefa, ela não falou mais comigo, porque ela, ela achava que era ela que ia ser selecionada e fez julgamento de que as pessoas me protegiam, sabe? A irmã Josefa. Eu simplesmente coloquei pra ela: “Ó, eu acho que eu já faço parte dessa Escola há muito tempo, eu, eu tenho consciência do que eu fiz por ela, né? Inclusive as pessoas que estavam na banca é, não eram pessoas, a... acho que era só o Plínio Machado que é uma pessoa que eu convivo muito de perto, as outras pessoas não, não é? É, foi uma, veio uma de São Paulo, né, a... diretora que hoje está doente, que está no interior, como é que ela chama? (...) [Kamyama, é, Kamyama,] aquela diretora? Como é o nome dela?

E.: Kamyama [Yoriko] [banca professora titular]. Não seria aquela que foi, é, professora no [convidada] ano passado não?

V.: Não. Nakamae.[Djair Daniel]

E.: Ah, aquela é Nakamae, está certo.

C.: É uma que foi diretora da, da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo, e teve que ser afastada porque ela está com uma doença degenerativa, ela inclusive continua ainda, ela é japonesa, sabe? É uma doença que é típica de japonês, sabe? E José Plínio Machado, o João Amílcar, aqui da Faculdade de Medicina, é, veio outra de fora, parece que, não sei se foi a Nilce, lá de São Paulo, e daqui eu não me lembro se ti... se tinha alguma pessoa.

V.: Quem era a terceira candidata?

C.: Era a Aparecida Freire. Essa aí eu sabia que não tinha chance, né? Porque ela não tinha pós-graduação nenhuma, né? Então, essa daí num, de qualquer forma foi uma oportunidade, porque ela era, ela era professora adjunto, e o professor adjunto tinha direito de fazer, viu! Então eu fiz a seleção, fui aprovada, né? E pra mim assim, é, foram duas alegrias no ano, que foi exatamente a minha defesa de tese em São Paulo e, e minha defesa, é, do, do meu memorial, não é? Isso foi uma conquista e eu fico assim, muito feliz que a minha vida tem sido de muitas conquistas, sabe? É, eu não sei e, em que degrau que estou situada lá no plano espiritual, que eles me facilita, isso, sabe, é uma coisa assim, que eu agradeço muito a Deus diariamente, por essa, essas

facilidades que eu tenho, todo lugar que eu chego, essas facilidades, sabe? Não sei se eu já passei muitas dificuldades e agora estou sendo compensada, né? Mas eu, eu tenho muitas facilidades.

E.: Além do memorial, quais foram as outras provas?

C.: Daqui? Foi, foi a prova didática, não é? Foi a seleção de, de, a defesa do memorial, a seleção de, de, de títulos e a prova de didática, né, é, foram três que tinham na época.

V.: Carmelita, outros cursos que você tenha feito significativos durante seu tempo de docente, na Escola?

C.: A Escola sempre que havia cursos aqui, eu, eu me lembro assim, que foram cursos que me despertaram muita coisa foram os cursos do NUTES CLATES [gagueira] acho que vocês já, vocês fizeram alguns, né?

V.: Hum, hum.

C.: É. Aqueles cursos me despertaram, apesar de ter sido muito depois de eu ter feito, é, até mestrado, né? Mas eu achei que aqueles cursos despertaram muito, inclusive assim, no sentido da, da gente se adentrar mais dentro do ensino de enfermagem que, às vezes, a gente perdia... determinadas dimensões, né? Então os cur... eu fiz todos os cursos que foram feitos, né? Os cursos que eram realizados em termos de metodologia da pesquisa pela própria Escola, pela Faculdade de Educação, pelo Centro de Extensão, também que fazia, né? E eu fiz um curso e apenas pra constar, né, que foi o curso da, da Associação dos Diplomados [gagueira], Diplomado da Escola Superior de Guerra. Não sei se vocês conhecem, não?

V.: Não.

C.: Seria bom se vocês fizessem, sabe? Vai ser muito gostoso. É um ano, de curso e você recebe um, um, um título de defensor da segurança nacional, sabe? É muito, desenvolvimento e segurança nacional. O curso deve estar funcionando agora, deve estar começando agora, em maio.

E.: Quando que você fez isso e qual a função desse defensor?

C.: Ó, eu, ape... quando eles manda... na época que, na Revolução, lembra? Dos [inaudível], eles mandavam sempre papéis convidando gente da Escola pra fazer curso. A gente colocava aí, pregava nas paredes e ninguém se dispunha a ir, né? Então, é, no ano de setenta e seis eu resolvi fazer no segundo semestre, eu entrei no segundo

semestre de setenta e seis e saí no primeiro semestre de setenta e sete. É, agora não, agora é o ano todo, direto, mas no ano passado era partido, segundo semestre, primeiro semestre. Aí eu fui fazer o curso e a primeira coisa que eles colocam lá no curso é o seguinte: “Você tem que ficar, é, você não pode ter uma falta, se você faltar um dia, você sai”. Não tem, não dá, não dá direito a você uma falta. Então você faz o curso, tem a parte teórica com, com vários expositores, né, são pessoas de, da alta li... literatura brasileira, sabe, que vêm fazer... vêm dar as palestras e a gente faz uma série de viagens, sabe? Vai visitar, desde aquilo que você, que eles colocam, desenvolvimento nacional, é isso, aí você vai lá ver o quê que tem de desenvolvimento nacional, sabe? E o quê que tem de segurança e a gente vai visitar. Então é um trabalho assim, muito interessante, além de você conseguir assim, um, uma gama de, de, de pessoas que você ... conhece e aquilo as pessoas ficam suas amigas e as portas se abrem em qualquer lugar que você chega, sabe? E você tem um distintivo, eu não ... nunca usei, né? Eu não gosto do distintivo [risos], sabe? Então, você usa um distintivo e, em qualquer lugar em que você estiver com aquele distintivo, as portas se abrem, porque se você observar, governadores, presidentes, andam, vocês observam, eles fazem esses cursos. Só que tem um curso aqui em Belo Horizonte que é da Associação, e tem da Escola Superior de Guerra que funciona no Rio de Janeiro que é mais ou menos a mesma coisa, sabe? E a pessoa passa, eu nunca quis ir ao Rio fazer. Aí eu comecei a acompanhar o curso e gostei, porque lá a gente faz, faz muitos trabalhos. Meu trabalho foi sobre imposto de renda, a gente fazia uma pesquisa e fazia uma análise sobre imposto de renda no Brasil. São trabalhos assim, muito interessantes, outros fizeram sobre saneamento, dependendo do interesse de cada um, né? Nós éramos trezentas, trezentas pessoas dentro de um salão, é muita coisa, né? E o curso funciona até hoje lá na, na, como é que chama aquele bairro que tem Rua Platina, como é que chama aquele negócio da Polícia Militar?

V.: Calafate.

E.: D.I. [Divisão de Infantaria]. I.D.?

C.: D.I.? É, acho que é D.I.

V.: É do D.I.

C.: É, acho que é D.I. lá. O curso funciona lá, tem um salão muito bom, né? E a formatura aqui no Palácio das Artes, sabe? Então, é um curso que eu acho que [gagueira] eu sempre recebo papel para poder indicar as pessoas, se alguma de vocês algum dia quiser fazer, e aí a gente manda, é um curso que vale a pena, sabe?

V.: Existe ainda?

C.: Existe. Continua todo ano. Um curso anual.

E.: É, é, é auto financiado ou por exemplo, estas viagens é o governo que paga?

C.: Não, essa, é auto financiado, tá? Sabe, você faz...

E.: ...mas você não pa... paga o curso?

C.: Não, o curso não, o curso é gratuito, sabe?

E.: E como é que foi isso na, na época do ano que você fez, que ainda não era uma abertura total em termos políticos, é, é, como é que foi isso na época Carmelita?

C.: Ó, Estelina, foi interessante porque eu, eu não sei, eu tenho um péssimo hábito que, que eu lhe falei, eu sou tão envolvida pela enfermagem que pra mim qualquer coisa que eu fazia era apenas pra juntar, sabe, eu nunca fiz assim, com o objetivo de ter inclusive proveito desses cursos que eu fazia. Era apenas assim, pra ver o que existia lá fora, então o curso do exército foi mais ou menos isso, foi apenas, peguei um título e coloquei na pasta. Tanto que eles me mandam cartas todo ano cobrando, porque a gente era obrigada a pagar a associação, eu não, nunca paguei associação, sabe? Este ano é que estou pensando em pagar, porque aí você recebe uma carteirinha, é, essa carteirinha que você recebe, você lhe dá o direito de fazer qualquer tipo de prisão que você queira, você viu uma pessoa em situação que não é aquela que deveria ser, você pode dar ordem de prisão e apresentar sua carteirinha. Eu nunca quis tirar [risos] essa carteirinha, porque eu acho assim, eu acho um absurdo.

E.: Comprometedora, né? [riso]

C.: Eu nunca paguei a associação e nunca tirei a carteirinha, sabe? Mas agora eu estou querendo fazer isso, sabe? Porque eu acho que a gente tem que aproveitar o que fez, que até hoje nessa área eu não aproveitei nada, sabe? Então esse foi um dos curso que eu fiz e...

E.: ...e o que te motivou, na época, pra você ir procurar esse curso [inaudível].



C.: Eu esta... eu estava com a noite va... é, é, livre e o curso funciona à noite, sabe?

E.: Ah, sim?

C.: Eu estava com a noite livre e eu resolvi fazer, sabe? Foi só este o objetivo. Agora, só que eu, o meu grupo era assim, gente é, inclusive uma das diretoras da Itambé na época, diretora da Itambé, foi minha colega de turma, era economista, né? Ôh, nós somos amigas até hoje, sabe? Então, a gente, se você arruma tantos amigos, que aí você diversifica o seu relacionamento e isso que precisa pra gente, sabe? Porque, ô, entra tudo quanto é tipo de profissional, entra advogado, entra engenheiro, enfermeiro, médico, é, promotores, né, secretários. Então muita gente que... e isso facilita muita coisa pra você, se você quiser fazer, usufruir desses benefícios, é muito bom, pra quem que usufrui, sabe? É, e você recebe convites, ô, todo ano tem viagem para os Estados Unidos. Eles fazem inclusive financiamentos para viagens, você vai pagando as prestações. Tem um jantar ou um, um almoço que eles programam em Manaus todo ano. Esse se você quiser ir, você, né, se associa lá e paga, e tudo assim e, e gente que tem companhia de turismo facilita, então eles facilitam o máximo para as pessoas que estão lá dentro, sabe, a vida fica assim muito fácil. Se você está desempregada eles tentam enquadrar você pra poder não ficar desempregada. Mas então eles dão assim, uma série de coisas interessantes e que a pessoa pode usufruir. Eu nunca quis usufruir, sabe? Mas, a... agora eu estou querendo, a situação no momento está permitindo isso, eu vou pagar inclusive, estou lá com o recibo e vou pagar. Vou tirar minha carteirinha, igual da ABEn. Outro curso que eu fiz...

V.: ...só um pouquinho, voltando pra fechar isso, né? Que outras pessoas, as pessoas que eram convidadas ou que aceitavam fazer, fazer o curso, eram pessoas que exerciam cargos de liderança, de chefia?

C.: Na época era, sabe? É quem tinha assim, uma certa posição no, no, numa instituição, tá? Mas hoje não, hoje qualquer pessoa pode fazer, sabe? Desde que ela seja indicada pra...

E.: ...e naquela época tinha alguma, por exemplo, durante o curso tinha alguma coisa voltada pra questão da, da situação do país, da Revolução?

C.: Ah, tinha, tinha sim! O ensino era todo em cima disso, sabe?

V.: Ah, sei!

C.: Hoje não, hoje eles tiram, é, temas diferenciados, mas na época foi só isso, é, desenvolvimento e segurança nacional, todo curso foi em cima de segurança nacional.

V.: Tinha alguém da polícia que fazia o curso com vocês?

C.: Tenentes, tenentes coronéis, é, é, da polícia militar, tem muita gente da polícia, sabe?

V.: E isso dificultava a conversa entre vocês, ou naquela época, porque não dava pra pensar em outra coisa... a não ser...

C.: ...nada, a gente não pensava, porque a gente, o, o, o, se o governo naquela época era militar e que dav... é, comandando, não adiantava você dar palpite nenhum, né. Você tinha era, inclusive, eu acho o seguinte, sabe, ô, Valda, que, às vezes, a gente é obrigada a penetrar em determinados locais e, mesmo que você tenha o pensamento contrário àquele local. Eu acho que é uma forma inclusive, de você saber o que está se passando aí fora. Porque se você não penetra nesses locais, você vai ficar à margem, sabe? Então eu, eu faço muito isso, às vezes, eu, a minha pesquisa que eu fiz no doutorado, em cada lugar que eu chegava, eu, eu era daquela religião, porque se eu fosse falar que eu não era daquela religião eles não iam admitir a minha entrada, não é? Tanto que, tanto que a... a maior dificuldade que eu tive foi na protestante, sabe? Porque eles achavam que eu era algum vigia, algum fiscal, não é? Na hora eu me identifiquei como sendo uma pessoa, não sei até que ponto isso deve ser feito ou não, isso eu não questionei. Só que pra ficar mais fácil a minha pesquisa, eu preferi me identi... identificar como protestante, como espírita, que eu não era, eu era católica, né? Em todo lugar que eu chegava, eu me identificava. Fui no frei Albino, não é? Quando eu fiz a pesquisa, que ele fazia aquela, ele criou, acho que ainda... eu não sei se ainda existe, porque ele morreu, faz uns dois anos atrás. E lá no frei Albino essa clínica trata a pessoa, lá tem um nome assim tratamento integral, né? E eu fui lá pra ver, e eles não abriram a porta pra poder fazer a pesquisa. Frei Albino conversou comigo, falou que não tinha nada a ver a minha pesquisa com o que eles faziam lá, né? Inclusive eu citei pra ele o, o [Elias Mendes] não sei se vocês conhecem, ele é de São Paulo, um grande psicanalista lá de São Paulo. Ele tinha uma série de livros e que ele escreveu "A personalidade intrusa", não sei se vocês já ouviram... já leram, não? Ne...

nessa Personalidade Intrusa tinha muita coisa na filosofia do trabalho, a do frei Albino estava lá, mas ele não admitia, sabe? Aí o que eu fiz, eu peguei uma pessoa que se passou de doente e foi fazer tratamento lá dentro, através dela eu coletei os dados.

V.: Ah!

C.: Tá? Muito interessante. Então, eu não sei se essas estratégias devem ser feitas ou não? Mas eu estou contando isto pra vocês porque eu fiz isso, senão eu não teria colocado dados interessantes na minha pesquisa, né?

V.: Ô Carmelita, as pessoas aqui na Escola, quando você fez esse curso, sabiam ou ficaram sabendo que você estava fazendo curso da Escola Superior de Guerra?

C.: Sabiam, sabiam. O pessoal todo...

V.: Isso teve alguma repercussão em que...

C.: ...não, não, não mudou em nada viu Valda. É como se... qualquer curso que eu estivesse fazendo, sabe, porque automaticamente eu sou uma pessoa assim, muito reservada, sabe? E como pessoa reservada eu não colocava nada, o que se passava lá, ficava lá, sabe?

V.: Sim.

C.: Então eu não fazia nenhuma comunicação aqui com o pessoal. Mas foi um curso bom, eu acho que quem tiver interesse eu acho que deve fazer, sabe? Muito bom mesmo.

V.: Outros cursos além...

C.: ...ô, eu fiz um curso de, vou tentar lembrar o nome deles, né?

V.: ...que foram mais importante?

C.: É, é, é um curso de segundo, curso de segundo grau, como é que chama? Formação de professor pro segundo grau, tá? Como eu, eu lidava com Escola da Cruz Vermelha, né? Eu era professora da Escola Cruz Vermelha, [escola para formação de auxiliares e técnicos de enfermagem] aí eu fiz o curso de professor de segundo grau, sabe? Sempre fazia alguma coisa pra beneficiar a outra, né? (...) Então eu fiz esse curso, que foi dado na Utramig, mas eu fiz na Universidade do Trabalho, não sei se vocês...se vocês, se vocês conhecem, né, a Universidade do Trabalho?

V.: Sim, conhecemos.

C.: Fiz o curso lá, né? De, de formação de professor do segundo grau. E foi um curso assim, que também, apesar de eu ter feito a parte pedagógica aqui na Escola, né? Também me ajudou bastante porque lá era dado toda essa parte pedagógica. É... mais cursos, eu fiz vários cursos em São Paulo, quando eu estava lá fazendo especialização, não me lembro agora os nomes.

V.: Está certo.

C.: Mas uma coisa que eu fiz e achei muito interessante durante esse período e que me, e me enriqueceu bastante foi a minha experiência no projeto Rondon.

V.: Como...

C.: ...em Pirapora como professora. Eu resolvi acompanhar as alunas do quarto ano, de Saúde Pública, sabe? Lembra que eu falei? Então nós fomos pra lá e passamos dois meses em Barreira, interior da Bahia. Inclusive a Eulita [Barcelos Ladeira] foi uma das que foi, né? E naquela época nós tínhamos problemas seríssimos de doença de Chagas, de barbeiro lá. Tanto que os alunos dormiam em, aquelas, é, como é que fala, que a pessoa põem dormir? Esqueci o nome.

V.: Saco de dormir, não?

C.: Não. Aquela...

V.: ...barraca...

C.: ...aquele negócio de nylon que fazia, a pessoa se cobre pra poder dormir lá, esqueci o nome. As coberturas que a gente faz pra dormir lá embaixo. É mosquitoireo...

V.: A dupla sereno (sow)

C.: É, sempre, é, é, sempre. **[FINAL FITA 5 LADO A]**

que era o Sr. ... de Saúde, e o Paulo Machado, ...

**FITA 5 LADO B**

serviço de enfermagem, ... inclusive os ...

C.: Fomos pra, pra, pra Barreiras na Bahia e ficamos lá, é, três meses, foi um trabalho assim, muito bom, fizemos junto com a, a, a Comissão do Vale do São Francisco, naquela época funcionava, hoje não funciona mais, né? E as alunas à noite, elas tinham uma vida social, né, em Feira de Santana. Em Pirapora a gente fazia treinamento de parteiras, né. A gente ia nas fazendas fazer trabalho de orientação, lá nas fazendas. E à noite as, elas iam pras boates, as alunas, sabe? Boates, no interior são boates muito,

não tem muito problema, na capital é que tem muito problema.

E.: É.

C.: E elas, todas as noites voltavam com barbeiros na roupa, elas pegavam os barbeiros lá dentro das boates, né. E aí, a, elas ficavam desesperadas, né. Todo mundo com medo, “Será que fui mordida. Será que fui mordida!” Aquela complicação toda, né? Mas foi um trabalho muito interessante que nós fizemos lá, e eu recebi um documento da, do Projeto Rondon como participante, né, eu era inclusive professora. Então sempre que, que eu achava assim, eu tenho que participar daquilo pra eu entender o que é, eu semp... eu fazia, tá? É... outros cursos. Eu tenho vários, só que não estou me lembrando agora. (...)

V.: Bom, é, outras atividades que você fez fora da Escola e fora, da, enquanto docente?

C.: Fora da Escola, fora da Escola eu fui é enfermeira da Secretaria de Saúde, né. Eu entrei em mil novecentos e setenta... sessenta e quatro.

V.: Meia quatro?

C.: É. Eu entrei em 1964, no Estado, né, como enfermeira na área central, né, pra poder, olha... ajudar a organizar, que naquela época não tinha serviço de enfermagem na Secretaria de Saúde, né? Aí eu fui pra lá pra, pra organizar o time, não é? Na realidade quem foi convidada pra ir pra lá para organizar o serviço foi dona Izaltina. E ela falou assim: “Eu só vou, se a Carmelita for.” Aí eu fui com ela.

V.: A dupla sempre [risos].

C.: É, sempre. Como sempre, é. Aí eu fui com ela, nessa época era o Clóvis Salgado que era o Secretário da Saúde, e o Plínio Machado era o superintendente. Então nós fizemos um trabalho muito bom, é, eu fiz um, um, um, nós fizemos [inaudível] do serviço de enfermagem, fizemos inclusive os estatutos, normas tudo pra enfermagem e foi muito interessante, porque nesse período eu viajei, eu fui em todas as cidades do Estado de Minas Gerais, tá? E pela facilidade que eu tinha da Escola de Enfermagem, tá, e estava na Secretaria de Saúde, então, quando tinha oportunidade eu fazia a supervisão, sabe? Essas unidades todas, tendo em vista a nova estruturação da Secretaria de Saúde. Foi essa época que eu conheci muita enfermeira, né? E essas coisas assim, muito bom, porque dá uma gratificação pra gente no nível em que...